

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Renata Almeida da Silva

SINALIZAR, PARA QUÊ?
uma proposta de sinalização para as bibliotecas da área da Saúde da UFRGS

Porto Alegre
2011

Renata Almeida da Silva

SINALIZAR, PARA QUÊ?

uma proposta de sinalização para as bibliotecas da área da Saúde da UFRGS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Me. Glória Isabel Sattamini
Ferreira CRB/10-176

Coorientadora: Prof^a. Me. Jussara Pereira Santos,
CRB/10-9

Porto Alegre
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva

Vice-Diretora: Prof. Dra. Regina Helena Van der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe Substituta: Prof. Dra. Helen Beatriz Frota Rozados

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof. Me. Glória Isabel Sattamini Ferreira

Coordenadora Substituta: Prof. Dra. Samile Andréa de Souza Vanz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586s Silva, Renata Almeida da

Sinalizar, para quê? uma proposta de sinalização para as bibliotecas da área da Saúde da UFRGS / Renata Almeida da Silva ; orientadora Glória Isabel Sattamini Ferreira ; coorientadora Jussara Pereira Santos. – Porto Alegre : 2011. 104 f., il.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2011.

1. Biblioteconomia. 2. Bibliotecas - Sinalização. 3. Comunicação Visual. 4. Bibliotecas Universitárias. 5. UFRGS. I. Ferreira, Glória Isabel Sattamini. II. Santos, Jussara Pereira. III. Título.

CDU 022.3

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705.

CEP: 90035-007 Porto Alegre RS

Tel. (51) 3308-5067

Fax: (51) 3308-5435

Renata Almeida da Silva

SINALIZAR, PARA QUÊ?

uma proposta de sinalização para as bibliotecas da área da Saúde da UFRGS

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Examinado em _____ de _____ de _____.

Banca Examinadora

Prof^a. Me. Glória Isabel Sattamini Ferreira
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS
(orientadora)

Prof^a. Me. Jussara Pereira Santos
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS
(coorientadora)

Prof^a. Dra. Helen Beatriz Frota Rozados
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS
(examinadora)

Viviane Carrion Castanho
Diretora da Biblioteca Central da UFRGS
(examinadora)

Aprovado em _____ de julho de 2011.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus por todas as pessoas e as oportunidades maravilhosas que colocou em meu caminho, fazendo dele melhor e mais fácil de trilhar.

À minha mãe, Maria Teresa, pelo amor e apoio incondicional, pois sem ela não teria chegado a lugar nenhum. Aos meus dois irmãos, Guilherme e Juliano, pela enorme parceria. Aos três: amo-os! À Adriana pela sempre solícita hospitalidade. E ao restante de meus familiares pelo constante incentivo.

À minha orientadora, prof.^a Glória Ferreira, pela paciência e ensinamentos passados durante o TCC. Em especial à minha coorientadora, prof.^a Jussara, que mesmo encerrando suas atividades junto à UFRGS aceitou prontamente me orientar nesse trabalho, com sua tamanha experiência e sabedoria sobre o assunto.

Às minhas grandes amigas: Bru, Ive, Nati e Barbie por viverem comigo momentos tão divertidos e outros nem tanto me mostrando, assim, o verdadeiro valor da amizade.

A outros amigos incríveis que tive a oportunidade de conhecer, não somente na e pela UFRGS, mas também ao longo da minha vida: sou muitíssimo grata a cada um. E como escreveu William Shakespeare: “[. . .] os bons amigos são a família que nos permitiram escolher”.

A todos vocês: muito obrigada!

“Sempre parece impossível até que seja feito.”

(Nelson Mandela)

RESUMO

Apresenta um estudo investigativo sobre a sinalização nas bibliotecas da área da Saúde da UFRGS. Tem como objetivo geral propor uma sinalização adequada para o acesso dos usuários às referidas bibliotecas e como objetivos específicos: a) verificar a existência de sinalização, tanto externa quanto interna, nas bibliotecas da UFRGS; b) avaliar se a sinalização existente é a adequada; c) propor um padrão de sinalização interna e externa, de acordo com as normas, permitindo uma futura utilização pelas bibliotecas. A sinalização é uma parte importante da comunicação visual. Otimiza o uso dos recursos oferecidos pelo local, assim como o deslocamento no mesmo, principalmente em ambientes desconhecidos, de maneira segura. Para o embasamento teórico buscam-se na literatura materiais sobre Comunicação, Comunicação Visual, Sinalização e Sinalização em Bibliotecas, além do histórico das bibliotecas da área da Saúde da UFRGS. A metodologia utilizada é uma pesquisa descritiva com aspectos qualitativos, com a aplicação de instrumento elaborado a partir do referencial teórico exposto ao longo do texto. Conclui que as bibliotecas da área da Saúde da UFRGS não possuem uma sinalização adequada, que privilegie o acesso dos seus usuários às suas instalações, equipamentos e materiais. Apresenta uma proposta de sinalização, tanto interna quanto externa, para estas bibliotecas.

Palavras-chave: Bibliotecas. Comunicação Visual. Sinalização. Sinalização em Bibliotecas. Bibliotecas da Área da Saúde da UFRGS. Proposta de Sinalização.

ABSTRACT

This paper presents a research study about signaling in the libraries of Health area of the Federal University of Rio Grande do Sul. The goal of this work is to propose a signaling plan suitable for users' access to these libraries. The specific objectives are: a) verify the existence of signaling, both external and internal, at UFRGS' libraries; b) evaluate whether the existing signaling is adequate; c) propose a signaling standard internal and external, in accordance with the rules, focusing on its future use by the libraries. The signaling is an important part of visual communication. It optimizes the use of resources offered by the local as well as the safe displacement in it, especially when people are at unfamiliar surroundings. The theoretical basis was found in materials of Communication, Visual Communication, Signaling and Libraries Signaling, in addition to the history of libraries of the Health area of UFRGS. The methodology used is a descriptive research with qualitative aspects, with the application of instruments developed from the theoretical framework explained in the text. It concludes that the libraries of the Health area of UFRGS do not have a proper signaling that promotes access for its users to its facilities, equipment and materials. It presents a signaling proposal, both internal and external, to these libraries.

Keywords: Libraries. Visual Communication. Signaling. Libraries Signaling. UFRGS Health Libraries. Signaling Proposal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ENSINO SUPERIOR NO BRASIL	15
2.1 A Universidade Federal do Rio Grande do Sul.....	16
2.2 Sistema de Bibliotecas da UFRGS.....	17
3 COMUNICAÇÃO	27
3.1 Tipos de Comunicação	30
3.2 Teoria dos Signos, Semiótica ou Semiologia.....	31
3.3 Comunicação Visual.....	34
3.4 Sinalização	36
3.5 Sinalização em Bibliotecas.....	39
3.6 Tipografia	43
3.7 Programa de Sinalização para Biblioteca	46
3.8 Programa de Sinalização em Bibliotecas Universitárias.....	59
4 METODOLOGIA.....	61
4.1 Tipo de Pesquisa	61
4.2 Tamanho e Característica da População	61
4.3 Técnica de Coleta de Dados.....	62
4.4 Procedimento de Coleta de Dados	63
4.5 Análise e Tratamento das Informações.....	63
4.6 Teste do Instrumento de Coleta	64
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	65

5.1 Sinalização Externa	65
5.2 Sinalização Interna	66
6 PROPOSTA PARA UM SISTEMA DE SINALIZAÇÃO	77
6.1 Sinalização Externa	78
6.2 Sinalização Interna	80
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (SINALIZAÇÃO EXTERNA).....	94
APÊNDICE B - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (SINALIZAÇÃO INTERNA).....	99
APÊNDICE C - CARTA DE APRESENTAÇÃO	104

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Modelo Geral do Processo de Comunicação.....	29
Figura 2 - Modelo de Comunicação Visual.....	35
Figura 3 – Estrutura da Mensagem Visual.	36
Figura 4 – Pictogramas da ISO 7001: Símbolos para Informação Pública.....	38
Figura 5 - Visualização das Partes do Tipo.....	45
Figura 6 - Pictogramas de Informação, Estacionamento e Biblioteca, respectivamente.	48
Figura 7 - Demonstração de Tipos Com e Sem Serifa.....	49
Figura 8 - Demonstração da Organização das Setas em um Diretório de Acordo com o seu Sentido.	52
Figura 9 - Altura Adequada para a Localização dos Sinais.....	54
Figura 10 – Imagem Positiva e Negativa.....	55
Figura 11 - Placas de Sinalização Externa.....	66
Figura 12 - Sinal Informacional.....	67
Figura 13- Sinal de Identificação de uma das Áreas da Biblioteca.....	68
Figura 14 - Sinais de Instrução do Equipamento de Fotocópia.....	68
Figura 15 - Sinal que Alerta que é “Proibido Entrada com Uso de Capacete”.	69
Figura 16 - Uso de Fonte Clara e Sem Serifa, Empregada na Maioria das Bibliotecas.	70
Figura 17 - Mensagem Localizada nos Guarda-volumes Utilizando Somente Letras Maiúsculas.	70
Figura 18 - Sinais de Instrução e Identificação, respectivamente, Utilizando Somente Letras Maiúsculas.	71
Figura 19 - Sinal de Localização Fixa.	73
Figura 20 - Sinal em Imagem Positiva (Fonte Escura, Fundo Claro).	74
Figura 21 - Sinal em Imagem Negativa (Fonte Clara, Fundo Escuro).....	74
Figura 22 - Equipamento Sem Sinalização.	75

Figura 23 - Principal Tipo de Material Encontrado na Fabricação dos Sinais: o Papel.	76
Figura 24 - Cores Identidades e a Cor Institucional.	77
Figura 25 - Exemplos de Diretórios Externos.	78
Figura 26 - Exemplos de Sinais de Identificação das Bibliotecas.	79
Figura 27 - Exemplos de Sinais de Horário de Funcionamento.	79
Figura 28 - Exemplos de Sinais Suspensos.	80
Figura 29 - Exemplos de Diretórios com Alguns Destinos Dentro da Biblioteca.	80
Figura 30 - Exemplos de Sinais de Identificação do Espaço que a Biblioteca Ocupa.	81
Figura 31 - Exemplos de Sinais de Identificação das Áreas da Unidade.	81
Figura 32 - Exemplos de Sinais Informacionais de Proibição.	82
Figura 33 - Exemplos de Sinais Informacionais de Recomendação de Silêncio.	82
Figura 34 - Exemplos de Sinais de Instrução.	83
Figura 35 - Exemplo de Sinalização de Segurança, Identificando os Equipamentos.	84

1 INTRODUÇÃO

Bibliotecas: espaços do conhecimento. Não há contradição alguma nessa afirmação. A não ser quando esse conhecimento se torna inacessível. Como assim? Todas as bibliotecas, quando possuem um bibliotecário que é responsável pela sua gestão (tanto do espaço físico quanto do material existente na mesma), dispõem de diversas atividades que contribuem para o bom funcionamento da unidade de informação, entre elas estão a seleção, a aquisição, o processamento técnico. Todas essas atividades visam disponibilizar e melhorar a busca dos materiais pelo usuário. Porém, como ocorre na maioria das unidades de informação, o usuário pode não localizar o prédio da biblioteca, assim como o material ao qual foi buscar/procurar na mesma, gerando frustração. Isso é resultado da pouca ou nenhuma importância dada à sinalização (tanto externa, quanto interna) da biblioteca pelos seus gestores. O objetivo principal da sinalização é permitir, através do uso de sinais, que as pessoas possam se deslocar com segurança e encontrar aquilo que procuram de uma maneira fácil e tranquila. Em uma biblioteca isso não deve ser diferente, pois pessoas seguras de onde ir e o que fazer no ambiente podem tornar-se frequentadores assíduos e melhores utilizadores dos serviços e produtos disponíveis pela unidade de informação. Então, independente do tamanho da área, da quantidade de equipamentos, materiais abrigados, ou ainda, da sua localização é necessário o uso de sinalização adequada.

Nas bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), geralmente, a sinalização não é uma das atividades privilegiadas. O usuário sente-se confuso em uma primeira visita, afinal é um ambiente desconhecido para ele. As dificuldades já começam a aparecer na localização da biblioteca e se estendem, quando o usuário consegue encontrá-la, na utilização do espaço, recursos e materiais disponibilizados nas unidades de informação.

A justificativa para a realização da pesquisa foi a verificação de que em algumas das bibliotecas da UFRGS não possuíam um sistema de sinalização completo, apenas alguns tipos de sinais, mas sem nenhum padrão. Então, o objetivo principal do trabalho foi propiciar o acesso, através de uma sinalização adequada, aos usuários das bibliotecas da área da Saúde da UFRGS. E por objetivos

específicos: a) verificar a existência de sinalização, tanto externa quanto interna, nas bibliotecas da área da Saúde da UFRGS; b) avaliar se há adequação da sinalização, eventualmente, existente; c) propor um padrão de sinalização externa e interna para as bibliotecas anteriormente citadas. Então, a questão de pesquisa foi investigar como as bibliotecas da área da Saúde da UFRGS estão sinalizadas. A metodologia utilizada foi uma pesquisa descritiva como aspectos qualitativos. E o instrumento utilizado foi elaborado a partir do referencial teórico.

Inicialmente, foi feito um levantamento bibliográfico sobre o ensino superior no Brasil, o sistema de bibliotecas da UFRGS e, finalmente, foi apresentada o histórico de cada biblioteca e faculdade onde a mesma está inserida. Foi feita uma revisão de literatura que contempla a área da Comunicação, Comunicação Visual, Sinalização e Sinalização em bibliotecas, com o intuito de permitir que a proposta de sinalização, apresentada neste trabalho, possuisse uma boa base teórica.

Encerra-se com a proposta de sinalização, de uso tanto interno como externo, para as bibliotecas da área da Saúde da UFRGS. Vale ressaltar, que essa proposta não contemplou a sinalização interna voltada para a localização dos materias nas estantes das bibliotecas. Mas fica a recomendação de que seja contemplada por trabalhos futuros.

2 ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

A história do ensino superior no Brasil é recente se comparada a outros países colonizados na mesma época. Isso porque o Brasil “[. . .] não teve a mesma sorte das Américas Espanhola e Inglesa, que viram surgir o ensino superior para o seu povo, ainda nos albores do período colonial.” (SOUZA, P., 1991, p.9). Então, indiretamente, graças ao imperador francês Napoleão Bonaparte que dominou diversos países europeus, inclusive Portugal e obrigou a Família Real a fugir para o Brasil (COTRIM, 2005, p.365), se pode afirmar que o Brasil finalmente pôde concretizar o sonho de possuir instituições de ensino de superior em seu território.

[. . .] se não tivesse havido a invasão francesa em Portugal e a família real não se tivesse deslocado para o seguro refúgio da colônia, D. João não teria assinado os atos que criaram as escolas médico-cirúrgicas na Bahia e no Rio de Janeiro, primeiras sementes desse grau de ensino no País. (SOUZA, P., 1991, p.11).

Porém, a primeira universidade brasileira só surgiu em 1912, no Estado do Paraná, funcionando apenas três anos. Oito anos mais tarde, em 1920 no Rio de Janeiro, nasceu outra instituição de ensino superior.

Em 1912, assistiu-se por iniciativa das forças locais o nascimento, no estado do Paraná, de uma universidade, a primeira da história do país, mas que desapareceria três anos mais tarde, sem criar raízes. Somente em 1920, surgiria, finalmente, a tão esperada Universidade do Rio de Janeiro, organizada mediante reunião dos cursos superiores existentes na cidade [. . .] (SOUZA, P., 1991, p.13).

Com a criação do Ministério da Educação, em meados da década de 1930, sob o governo de Getúlio Vargas, foi aprovado o Estatuto das Universidades Brasileiras, vigorando de 1931 a 1961, que estabelecia qual tipo de instituição poderiam ser, os cursos obrigatórios que deveriam ter e a sua estrutura administrativa.

A universidade poderia ser oficial, ou seja, pública (federal, estadual e municipal) ou livre, isto é, particular; deveria também, incluir três dos seguintes cursos: Direito, Medicina, Engenharia, Educação, Ciências e Letras. Essas faculdades seriam ligadas, por meio de uma reitoria, por vínculos administrativos, mantendo, no entanto, a sua autonomia jurídica. (OLIVE, 2002, p.34).

Entre os anos de 1945 a 1964 houve um crescimento no número de universidades no Brasil, em comparação às faculdades. Uma das explicações para esse fato é que muitas faculdades foram unidas administrativamente e a grande maioria foi federalizada (OLIVE, 2002, p.37). Segundo Paulo Souza (1991, p.19) entre os anos 70 e os anos 80 as matrículas cresceram tanto (foram de 300 mil para 1 milhão) que o governo teve que facilitar a criação de universidades particulares, que até então não existiam, para tentar suprir tamanha demanda.

Atualmente, o País conta com inúmeras instituições de ensino superior, tanto públicas quanto privadas, “[. . .] com diferentes tipos de cursos e programas, incluindo vários níveis de ensino, desde a graduação até a pós-graduação *lato e stricto sensu*.” (NEVES, 2002, p.43), demonstrando a preocupação do País em ter um ensino superior de qualidade.

2.1 A Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) começou no final do século XIX. Com a criação das Escolas de Farmácia e Química, Engenharia, Medicina e Direito em Porto Alegre, iniciaram-se as atividades de Ensino Superior no Rio Grande do Sul. Primeiramente conhecida como Universidade de Porto Alegre, era formada pela:

Escola de Engenharia, com os Institutos de Astronomia, Eletrotécnica e Química Industrial; Faculdade de Medicina, com as Escolas de Odontologia e Farmácia; Faculdade de Direito, com sua Escola de Comércio; Faculdade de Agronomia e Veterinária; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e pelo Instituto de Belas Artes (UNIVERSIDADE..., [200-?e]).

No ano de 1947, a Universidade de Porto Alegre, passou a chamar-se Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), incorporando as Faculdades de Direito e de Odontologia de Pelotas e a Faculdade de Farmácia de Santa Maria. Porém, com a criação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), essas duas faculdades foram desligadas da URGS, passando a ser administradas pelas novas universidades.

Assim como inúmeras universidades pelo País, em 1950 a URGS foi federalizada, ou seja, começou a receber recursos e a ser administrada pelo Governo Federal. Então, passou a ser chamada de Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nome pelo qual é conhecida até hoje.

Apesar de ser uma instituição voltada para o ensino superior, a UFRGS abriga o Colégio de Aplicação (ensino fundamental e ensino médio). Ela ainda dispõe de laboratórios, de bibliotecas, de auditórios, de hospitais (Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) e Hospital de Clínicas Veterinárias), de uma editora, de um museu, de restaurantes universitários, de um observatório astronômico, de casas do estudante, de colônias de férias, entre outros espaços (UFRGS, [2000?]), tudo isso voltado para o ensino e a pesquisa, visando o bem-estar da comunidade na qual está inserida.

2.2 Sistema de Bibliotecas da UFRGS

Em 1959, uma parceria entre o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) e a URGS criou o Serviço Central de Informações Bibliográficas (SCIB) (BECKER; FORTES, 1961, p.3), iniciando, assim, as atividades do Sistema de Bibliotecas da UFRGS (SBU). Segundo Meireles (2009, p.5) o SCIB tinha “[. . .] como uma de suas funções colaborar com a composição do Catálogo Coletivo Nacional.”

Já em 1962, o SCIB foi substituído pelo Serviço de Bibliografia e Documentação (SBD) e funcionou durante oito anos, dando lugar a atual Biblioteca Central. A criação da Biblioteca Central se deu

[. . .] através da portaria nº 1516, de 13 de dezembro de 1971, como Órgão Suplementar da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, diretamente vinculada à Reitoria, coordenando e supervisionando, sob forma sistêmica, o conjunto de Bibliotecas da Universidade, com atribuições de órgão central desse sistema biblioteconômico (UNIVERSIDADE..., [200-?b]).

A Biblioteca Central é responsável por coordenar o SBU, que atualmente é composto de 34 bibliotecas setoriais, distribuídas em cinco campi (Campus do Vale, Campus Centro, Campus Olímpico, Campus Saúde e Campus Ceclimar). No Quadro 1, apresentam-se as bibliotecas das UFRGS divididas em áreas segundo a classificação utilizada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

		Bibliotecas
Á r e a s	Ciências Agrárias	Agronomia; Ciência e Tecnologia de Alimentos; Veterinária.
	Ciências Biológicas	Biociências; Botânica; Ceclimar.
	Ciências da Saúde	Centro de Documentação, Pesquisa e Formação em Saúde e Trabalho (CEDOP); Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS); Educação Física; Enfermagem; Farmácia; Medicina; Odontologia; Psicologia*.
	Ciências Exatas e da Terra	Física; Geociências; Informática; Matemática; Pesquisas Hidráulicas; Química; Centro de Processamento de Dados (CPD).
	Ciências Humanas	Centro Brasileiro de Documentação e Estudos da Bacia do Prata; Educação; Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades (BSCSH).
	Ciências Sociais Aplicadas	Administração; Arquitetura; Biblioteconomia e Comunicação; Ciências Econômicas; Direito; ONU.
	Engenharias	Centro de Tecnologia da Escola de Engenharia; Engenharia.
	Linguística, Letras e Artes	Artes. BSCSH.

Quadro 1 - Divisão das bibliotecas da UFRGS segundo a classificação utilizada pelo CNPq.

Fonte: Elaborado pela autora.

* A biblioteca da Psicologia, segundo a classificação do CNPQ, pertence à área de Ciências Humanas, mas por decisão da autora desse trabalho, será incorporada à área de Ciências da Saúde por possuir um acervo voltado, também, para o curso de Fonoaudiologia, que é considerado da área anteriormente referida.

Foram excluídas dessa contagem a biblioteca do Colégio de Aplicação, por possuir um acervo dedicado ao Ensino Fundamental e Médio; e a Biblioteca Central por possuir um acervo que contempla um pouco de cada área apresentada acima.

Em vista da impossibilidade de serem estudadas todas as bibliotecas da UFRGS foram privilegiadas, para um estudo mais aprofundado, as bibliotecas classificadas na categoria “Ciências da Saúde”, em destaque no Quadro 1, que são apresentadas nas subseções a seguir.

2.2.1 Biblioteca da Escola de Educação Física (ESEF)

A Escola de Educação Física (ESEF) foi fundada em 1940, sendo considerada a mais antiga do Estado. Atualmente, oferece quatro cursos de graduação: Educação Física Bacharelado, Educação Física Licenciatura, Dança e Fisioterapia, além de um programa de pós-graduação (mestrado e doutorado) em Ciências do Movimento Humano.

A biblioteca Edgar Sperb, seu nome oficial, iniciou suas atividades em 1943. Recebeu esse nome para homenagear o médico fundador do centro acadêmico da ESEF e escritor de vários artigos esportivos publicados nos jornais de Porto Alegre. A biblioteca oferece os serviços de Comutação Bibliográfica (COMUT), de consulta a bases de dados on-line (SABI), empréstimo domiciliar, consulta local ao acervo histórico em Ciências do Esporte e Educação Física, serviço de referência, videoteca, treinamento de usuários, entre outros.

Tem como responsabilidades:

- a)prover informações e documentos necessários às atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão da ESEF;
- b)preservar a produção intelectual, científica, cultural e artística dos servidores da Unidade;
- c)facilitar o uso, acesso e recuperação das informações estejam elas disponíveis nos formatos impressos ou eletrônicos;
- d)participar de todas as fases de elaboração e publicação da Revista Movimento;
- e)registrar e preservar obras de caráter histórico da área de educação física e esportes. (UNIVERSIDADE, [200-?c]).

A biblioteca está localizada nas dependências do Campus Olímpico, em prédio compartilhado. Seu acervo está voltado para as áreas de Educação Física, de Fisioterapia, de Dança, de Ciências do Esporte e do Movimento Humano. Distribuída em um espaço físico de um pouco mais de 400 m², armazena por volta de 15 mil documentos, entre livros, periódicos, produção científica da ESEF, fitas de vídeo, DVDs, etc.

2.2.2 Biblioteca da Faculdade de Medicina (FAMED)

Em 1898, da união da Escola de Partos da Santa Casa e da Escola de Farmácia de Porto Alegre surgiu a Faculdade de Medicina (FAMED). Atualmente oferece dois cursos de graduação: Medicina e Nutrição. Além de programas de pós-graduação (mestrado e doutorado) nas seguintes áreas: Cardiologia, Ciências Médicas, Cirurgia, Endocrinologia, Epidemiologia, Gastroenterologia, Saúde da Criança e do Adolescente, Pneumologia e Psiquiatria.

A biblioteca surgiu provavelmente no início do século XX, concomitantemente com as atividades da FAMED. Ao longo de sua história passou por algumas mudanças tanto estruturais quanto físicas. Em 1991, os acervos das bibliotecas da FAMED e do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) foram unificados passando a se chamar biblioteca FAMED/HCPA, funcionando no segundo andar do hospital. Ao completar 100 anos de existência, a FAMED inaugurou um novo prédio, com a biblioteca localizada no terceiro andar. Dispõe de um espaço físico de 900 m² e armazena, aproximadamente, 25 mil itens.

Os serviços disponibilizados pela biblioteca são: empréstimo domiciliar, COMUT, consulta local, catalogação na fonte, orientações para normalização de trabalhos acadêmicos, serviço de referência e treinamento aos usuários, entre outros.

2.2.3 Biblioteca da Escola de Enfermagem

A Escola de Enfermagem (EEnf) da UFRGS foi criada em 1950 e na época era anexa a FAMED. Suas atividades começaram no ano de 1961 e quase duas décadas depois de sua inauguração ela se tornou autônoma. A EEnf oferece três cursos de graduação: Enfermagem, Análise de Políticas de Sistema de Saúde e Licenciatura em Enfermagem, assim como pós-graduação (mestrado e doutorado) na área de Enfermagem, além de cursos de especialização e de extensão.

A biblioteca foi fundada junto com a EEnf e se chamava biblioteca da EEnf de Porto Alegre. Em 1983, recebeu o nome de Biblioteca da Escola de Enfermagem da UFRGS Prof.^a Dirce Pessoa de Brum Aragón. Seu espaço físico é de, aproximadamente, 312 m² estando localizado no andar térreo do prédio da Escola de Enfermagem.

O acervo é constituído para dar suporte aos cursos oferecidos pela EEnf, assim como a outros cursos da UFRGS voltados para área da saúde. Ele é composto de: “Materiais bibliográficos: livros, periódicos, folhetos, fitas de vídeo, teses, dissertações, microfilmes, DVD e CD-ROMs.” (UNIVERSIDADE, [200-?d]).

Os serviços disponibilizados pela biblioteca são: empréstimo domiciliar, COMUT, consulta local, catalogação na fonte, orientações para normalização de trabalhos científicos e técnicos (ABNT e Vancouver), serviço de referência e treinamento aos usuários, acesso a internet sem fio (*wireless*), entre outros.

2.2.4 Biblioteca da Faculdade de Farmácia

A Faculdade de Farmácia (FacFar) foi fundada em 1895 e foi a partir dessa unidade que a UFRGS surgiu. Atualmente, oferece o curso de graduação em Farmácia, um programa de pós-graduação (mestrado e doutorado) em Ciências Farmacêuticas, além de atividades de extensão.

As informações sobre a criação da biblioteca da FacFar são escassas. Segundo Meireles (2009, p.7): “As primeiras informações datam do final da década

de 1890, juntamente com o início do curso de Farmácia.” A biblioteca chama-se Prof. Henrique Oliveira, em homenagem a um dos diretores da faculdade na década de 1950. Abrange uma área em torno de 183 m², com duas áreas independentes: na primeira está localizada o acervo de livros e a segunda abriga o acervo de periódicos. As duas áreas encontram-se, respectivamente, no segundo e no terceiro andar do prédio da FacFar.

Os serviços disponibilizados pela biblioteca são: empréstimo domiciliar, COMUT, consulta local, catalogação na fonte, orientações para normalização de trabalhos acadêmicos, serviço de referência e treinamento aos usuários, assessoria ao periódico Caderno de Farmácia, entre outros.

2.2.5 Biblioteca da Faculdade de Odontologia

A Faculdade de Odontologia iniciou suas atividades em 1898, e era anexada a FAMED. Em 1922, o curso foi fechado por falta de interesse da comunidade, sendo reaberto somente em 1932. Já em 1952, a faculdade se desvinculou da FAMED, e passou a ser um estabelecimento autônomo. Hoje em dia oferece o curso de graduação em Odontologia, programas de pós-graduação (mestrado e doutorado) e cursos de especialização.

Sua biblioteca surgiu em 1961 e recebeu o nome de Malvina Vianna Rosa, em homenagem a primeira bibliotecária que a organizou. Dispõe de serviços de consulta e empréstimo, COMUT, referência, normalização de trabalhos técnico-científicos e treinamento de usuários. Segundo Meireles (2009, p.8) a biblioteca possui uma área de, aproximadamente, 250 m² localizada no segundo andar da Faculdade de Odontologia. Armazenando em seu espaço mais de 9 mil itens.

Os serviços disponibilizados pela biblioteca são: empréstimo domiciliar, COMUT, consulta local, catalogação na fonte, orientações para normalização de trabalhos acadêmicos, serviço de referência e treinamento aos usuários, entre outros.

2.2.6 Biblioteca do Instituto de Psicologia

Em 1973, surgiu o curso de Psicologia que foi organizado pelo departamento de Psicologia, anexado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. O curso somente obteve reconhecimento seis anos mais tarde. O Instituto de Psicologia foi aprovado para funcionamento em 1996 pelo Conselho Universitário (CONSUN), sendo composto por três departamentos: Desenvolvimento e Personalidade, Psicanálise e Psicopatologia, Social e Institucional. O Instituto oferece quatro cursos de graduação com habilitação em: Licenciatura em Psicologia, Psicologia, Fonoaudiologia e Serviço Social, além de cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) e de especialização.

A biblioteca do Instituto de Psicologia teve seu acervo originado da antiga Faculdade de Filosofia. Atualmente, o mesmo é voltado para as áreas de Psicologia e Fonoaudiologia. Com um espaço físico de, aproximadamente, 350 m², está localizada no andar térreo do Instituto de Psicologia. Armazena cerca de 20 mil itens em seu local.

Dispõe de serviços de empréstimo domiciliar à comunidade acadêmica da UFRGS, consulta local e cópias, tutoriais, COMUT, catalogação na fonte, orientações para normalização de trabalhos acadêmicos, serviço de referência e treinamento aos usuários.

2.2.7 Biblioteca do Centro de Documentação, Pesquisa e Formação em Saúde e Trabalho (CEDOP)

Em 1989, surgiu o Centro de Documentação, Pesquisa e Formação em Saúde e Trabalho (CEDOP) cujas instalações são no Departamento de Medicina Social da FAMED. Sua atuação de trabalho está direcionada para os

[. . .] campos de pesquisa (através de projetos com professores e alunos de graduação e pós-graduação), formação (cursos de extensão e cursos de especialização *latu sensu*) e documentação

(biblioteca especializada), focados na área de Saúde e Trabalho (UNIVERSIDADE..., [200-?a]).

Sua biblioteca foi criada um ano mais tarde, em 1990 (MEIRELES, 2010). Possui um acervo de 2350 documentos, composto de diversos materiais sobre Saúde e Trabalho, incluindo monografias, livros, fitas de vídeos, trabalhos (trabalhos de conclusão de curso, teses, dissertações), assim como materiais didáticos sobre saúde do trabalho (*slides*, cartazes, documentos sindicais), entre outros (UNIVERSIDADE..., [200-?a]). Oferece serviços como de elaboração de referências bibliográficas e normatização de monografias. Está localizada no quarto andar do Instituto de Psicologia, em uma área de, aproximadamente, 50m² (MEIRELES, 2010).

2.2.8 Biblioteca do Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS)

As obras para a construção do atual prédio do Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS), situado na Rua Sarmiento Leite nº 500, começaram em 1913, mas devido ao início da Primeira Guerra Mundial (1914-1919) elas foram interrompidas. Somente foram reiniciadas em 1919, graças às pressões dos professores da época, sendo as obras concluídas cinco anos mais tarde. Em 1974, com a mudança de local da FAMED para o HCPA, o prédio passou a ser ocupado, primeiramente, pelo Instituto de Biociências e, logo após, pelo ICBS. O ICBS oferece um curso de graduação: Biomedicina e quatro cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado): Neurociências, Fisiologia, Bioquímica e Educação em Ciências.

A biblioteca do ICBS foi fundada em 1954 por uma iniciativa do Departamento de Fisiologia, Farmacologia e Biofísica da UFRGS, sendo chamada, inicialmente, de Noely Carvalho. Os recursos para a fundação da biblioteca provieram “[. . .] do Conselho Nacional de Pesquisa, da Fundação Rockefeller e de contribuições do comércio local.” (UNIVERSIDADE..., [2011]).

Em 1997, o Instituto de Biociências foi dividido em duas unidades: Instituto de Biociências e ICBS. A biblioteca, que até então pertencia ao Departamento de Fisiologia, foi considerada a biblioteca setorial da unidade, incorporando o acervo da

biblioteca de Fisiologia e parte do acervo da biblioteca de Biociências (UNIVERSIDADE..., [2011]).

Segundo Antonieta Souza (2010), atualmente o seu acervo está voltado para as áreas de Saúde e Biológicas. Ainda possui um espaço de 354m², que abriga um acervo de quase 13 mil itens bibliográficos. A biblioteca está localizada no primeiro andar do prédio do ICBS, com previsão de, em breve, ser transferida para o Campus Saúde.

Os serviços disponibilizados pela biblioteca são: empréstimo domiciliar, COMUT, consulta local, catalogação na fonte, orientações para normalização de trabalhos acadêmicos, serviço de referência e treinamento aos usuários, entre outros.

3 COMUNICAÇÃO

É inegável a importância que a comunicação possui na vida do ser humano. Ela foi e é vital para a sobrevivência e permanência do homem na Terra. A palavra comunicação deriva do termo em latim *communicare* “[. . .] e significa ‘tornar comum’, ‘associar’.” (VILALBA, 2006, p.5). Segundo o mesmo autor pode-se definir, em um primeiro momento, que comunicar é a ação social de tornar comum. Hohlfeldt, Martino e França (2001, p.61) compartilham da mesma opinião do autor anteriormente citado e ainda acrescentam que existe uma relação bem estreita entre os processos de comunicação e os desenvolvimentos sociais e que isso jamais deve ser esquecido, pois:

[. . .] a comunicação, ao permitir o intercâmbio de mensagens, concretiza uma série de funções, dentre as quais: informar, constituir um consenso de opinião – ou, ao menos, uma sólida maioria - persuadir ou convencer, prevenir acontecimentos, aconselhar quanto a atitudes e ações, construir identidades, e até mesmo divertir. (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p.61).

Então, comunicar é transmitir o que se pretende informar para as pessoas.

Não há uma data exata de quando nem de como a comunicação tenha surgido, mas Pena (2005, p.15) sugere que:

A comunicação surgiu com a primeira comunidade humana. Comunicação é algo intrínseco do ser humano, que tem motivos fortes para realizá-lo [. . .]. Antes mesmo de adquirir a fala o homem pré-histórico já se comunicava através de signos não verbais, como gestos e desenhos. Mas tudo ficou mais intenso e eficaz a partir dos relatos orais.

Assim, uma das primeiras formas de comunicação conhecida deu-se através da linguagem visual representada pelos desenhos nas paredes das cavernas, feitos pelos homens pré-históricos. Segundo Müller-Brockmann (2005, p.10, tradução nossa), para o *Homo sapiens* esses desenhos não tinham a intenção de serem belos e a inspiração era “[. . .] puramente utilitária, social, mágica ou religiosa.” Sendo assim, a maioria das pinturas possuía alguma interpretação específica. Por

exemplo, as pinturas de animais possuíam uma significação mágica “[. . .] pois os primitivos acreditavam que elas davam poder sobre o animal, garantindo-lhe o êxito na caça.” (MÜLLER-BROCKMANN, 2005, p.10, tradução nossa).

Logo após o homem descobriu a fala. Em relação a esse tema, Terra (2008, p.15) comenta as vantagens que a mesma ofereceu ao ser humano:

Ela [fala] é útil e vantajosa. Esse primeiro aspecto é inquestionável, pois a língua é o nosso principal veículo de comunicação e não conseguimos viver em sociedade sem nos comunicar. E como vivemos em sociedade ela [fala] [. . .] é necessária a nossa experiência.

Foi na Grécia Antiga que a comunicação oral expandiu-se ainda mais, sendo vista até como uma arte que perpetua até os dias de hoje sob o nome de retórica. Aristóteles, discípulo de Platão, ensinava a seus alunos a importância de uma boa comunicação. Segundo ele a retórica é o poder de convencimento do ouvinte, isto é, quando alguém se comunica, sua intenção é a de que todos que estejam lhe ouvindo, aceitem e compartilhem da mesma opinião.

Aristóteles definiu o estudo da retórica (comunicação) como a procura de ‘todos os meios disponíveis de persuasão’ (ROBERTS apud BERLO)¹. Discutiu outros possíveis objetivos de quem fala, mas deixou nitidamente fixado que a meta principal da comunicação é a persuasão, a tentativa de levar outras pessoas a adotarem o ponto de vista de quem fala. (BERLO, 1991, p.18).

A comunicação constitui-se em um processo, no qual há elementos que visam garantir a transmissão da informação pretendida. Esses elementos são conhecidos, mais simplesmente, como emissor, canal e receptor.

[. . .] o **emissor** produz a mensagem ou conjunto de mensagens a transmitir; esta mensagem pode corresponder a uma sequência de figuras, letras, sons ou sinais. O **canal** corresponde ao meio e suporte que contém e transmite a informação. Ao receber a mensagem, o **receptor** geralmente age de modo inverso ao **emissor** quando reconstrói a mensagem; durante a transmissão do sinal, diversos fenômenos podem alterar a

¹ ROBERTS, W. Rhys. **Rhetorica**: the works of Aristotle. Oxford: Oxford University Press, 1946. V. XI. Apud BERLO, 1991, p.18.

mensagem original e formar o que se denomina **ruído**. (SHANNON, C. apud SÁNCHEZ AVILLANEDA, tradução nossa).²

Abaixo, na Figura 1, é apresentado o processo de comunicação.

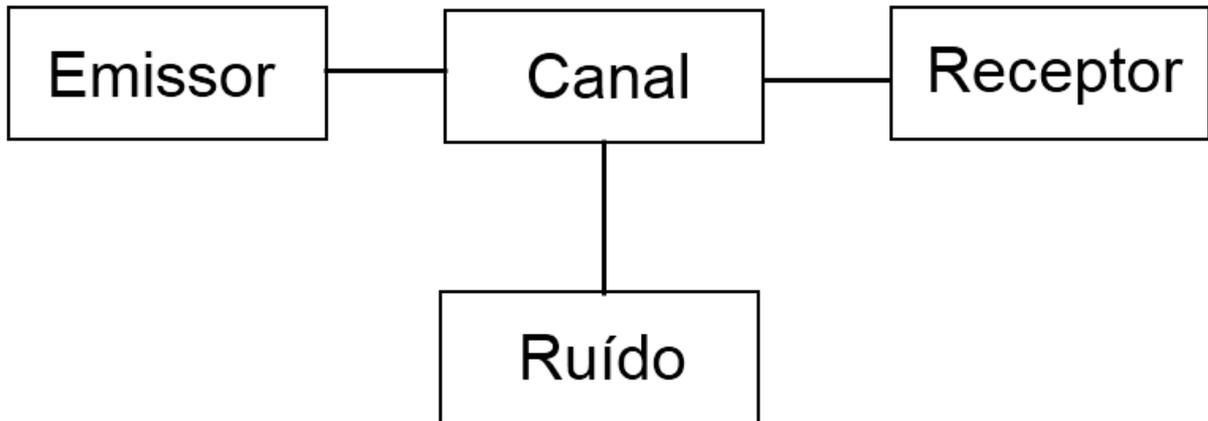


Figura 1 - Modelo Geral do Processo de Comunicação.

Fonte: SHANNON apud SÁNCHEZ AVILLANEDA (adaptado pela autora).

O processo de comunicação e seus elementos podem ser descritos através de uma brincadeira chamada "telefone sem fio".

O jogo do telefone consiste em sussurrar uma mensagem no ouvido de alguém. Esta pessoa deve sussurrar, em seguida, a mensagem no ouvido de outras e assim sucessivamente, até que a última diz em voz alta aquilo que lhe chegou. A mensagem geralmente termina distorcida, frequentemente muito engraçada, porque tentamos dar sentido ao que acreditamos ter ouvido. Realmente é um bom modelo para compreender como funciona a comunicação. (BALDWIN; ROBERTS, 2007, p.32, tradução nossa).

Na maioria das vezes, ao ser revelada a mensagem, ela não condiz com a original. Quando a mensagem original sofre algum tipo de interferência que resulte em distorção da mesma, isso é chamado de ruído.

² SHANNON, C. **The Mathematical Theory of Communication**. Urbana: University of Illinois, 1969. P. 58. Apud SÁNCHEZ AVILLANEDA, 2005, p. 15.

3.1 Tipos de Comunicação

O homem, ao longo do tempo, estabeleceu diferentes formas de comunicação para facilitar o intercâmbio das informações produzidas por ele. José Pereira (2009, p.14), escreve que a comunicação também pode ser dividida em gêneros: “[. . .] homem-homem, animal-animal, animal-homem, homem-máquina, máquina-homem, máquina-máquina, homem-ET, ET-homem, etc.” A ênfase de abordagem neste estudo será a comunicação humana, ou seja, homem-homem.

Para José Pereira (2009, p.15-19) a comunicação pode ser classificada em:

- a) **informal e espontânea**, usada em situações de descontração com amigos, com familiares, isto é, no dia-a-dia; é oposta à **comunicação profissional** que exige estudo técnico e teórico e é dirigida a grupos de pessoas específicos;
- b) de acordo com um dos cinco sentidos humanos,
 - *visual*: sinalização de trânsito,
 - *sonora/auditiva*: fala, música,
 - *tátil*: linguagem braile, aperto de mãos,
 - *olfativa*: sentir um cheiro e associar a algo, e
 - *gustativa*: sabores como mensagens. Exemplo: oferecer a uma pessoa querida o bombom que ela goste;
- c) segundo a quantidade de pessoas que se pretende transmitir a mensagem,
 - *intrapessoal*: uma pessoa se comunica com ela mesma,
 - *interpessoal*: comunicação entre duas pessoas,
 - *intragrupal*: mensagens direcionadas a um grupo restrito,
 - *intergrupal*: mensagens circulam entre grupos,
 - *comunicação de massa*: dirigida ao grande público através de veículos de comunicação de grande circulação (internet, jornais, rádio, etc.);
- d) **direta** quando o emissor e receptor estão frente a frente e **indireta** quando o emissor e receptor estão afastados, por isso são utilizadas meios artificiais (telefone, e-mail, etc.) para “aproximá-los”;

- e) **unidirecional** quando apenas o emissor envia as mensagens, não há interação, ou **bidirecional** quando há um intercâmbio das mensagens entre emissor e receptor de forma recíproca; e, por fim,
- f) **particular** quando é uma conversa privada, ou **pública** quando a informação é destinada a várias pessoas.

Como se pode perceber, o ser humano dispõe de inúmeras formas de transmitir/receber mensagens uns dos outros. A comunicação ocorre desde a pessoa solitária até a um conglomerado de indivíduos. Então, em uma simples interação entre emissor e receptor pode conter diversas formas de comunicação: “[. . .] um telefonema seria um exemplo de comunicação *sonora-interpessoal-indireta-bidirecional-particular*.” (PEREIRA, J., 2009, p.20).

3.2 Teoria dos Signos, Semiótica ou Semiologia

No decorrer do século XIX, uma ciência cresceu vertiginosamente graças ao interesse de pesquisadores em aprofundar os estudos sobre os signos. Um desses pesquisadores foi o americano Charles Sanders Peirce (1839-1914) que a batizou de Semiótica. Na Europa ela recebeu o nome de Semiologia, graças ao suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913). Ainda há um terceiro termo que essa mesma ciência pode ser conhecida: Teoria dos Signos.

Sendo assim, para José Pereira (2009, p.41), a Teoria dos Signos “[. . .] estuda os signos no abstrato: qual a sua natureza, qual a sua estrutura, como se manifestam, como se relacionam entre si.” Essa definição demonstra a importância dos estudos sobre os signos, para que o ser humano possa ter um melhor aproveitamento no uso dos mesmos.

3.2.1 Signo

A palavra signo deriva do latim *signum* e que, por sua vez, segundo Pignatari (2002, p.27), “[. . .] vem do étimo grego *secnon*, raiz do verbo ‘cortar’, ‘extrair uma parte de’ (naquele idioma) e [. . .] em português é conhecido como secção, seccionar, etc.”

Os signos podem ser entendidos como a representação de objetos, formas, sons ou coisas que o homem inventou/construiu ou, então, que já existem na natureza.

Representar talvez seja o termo que melhor se relaciona com o conceito de signo. Os signos surgem da necessidade que tem o ser humano de representar as coisas para melhor compreender, interpretar, analisar, conhecer o mundo. E também facilitar a comunicação. [. . .]. As palavras representam coisas. Todo signo representa alguma coisa, é signo de alguma coisa. (PEREIRA, J., 2009, p.42).

O signo é fundamental no processo de comunicação, pois facilita a compreensão da mensagem. Eco (1990, p.21), ainda escreve que: “O signo é usado para transmitir uma informação, para indicar alguém ou alguma coisa que um outro conhece e quer que outros também conheçam.”

3.2.1.1 Significante e Significado

Segundo alguns autores, como Eco (1990) e José Pereira (2009), o signo carrega na sua essência a dualidade, pois o mesmo só existe porque possui um significante e um significado. Então:

Significante + Significado = Signo

Fonte: elaborado pela autora.

Significante é a forma como o signo é conhecido, ou seja, o seu nome escrito ou falado. Já o significado é a descrição do signo: sua utilidade, o que faz, para que serve. Um exemplo seria a palavra mesa: o seu som ou a sua grafia é o significante, o conceito seria o significado (PEREIRA, J., 2009, p.44).

Por significado, entende-se o conceito, isto é, a idéia(*sic*), a imagem psíquica da coisa; por significante, a realização material desse conceito, ou seja, sua concretização, por meio de fonemas, ou de alguma coisa que os represente, como as letras do alfabeto. (TERRA, 2008, p.46).

Nos casos em que o significante assume mais de um significado, ocorre um fenômeno denominado polissemia. Segundo José Pereira (2009, p.44) a polissemia pode ser:

- a) **verbal:** quando uma palavra possui mais de um significado;
- b) **não-verbal:** os signos são representados por imagens (figuras, desenhos, etc.).

3.2.1.2 Classificações dos Signos

O signo pode ser classificado de acordo com o seu referente, isto é, a representação ou designação do signo (PIGNATARI, 2002, p.30). Porém, é preciso deixar bem claro que referente e significado são diferentes. Segundo José Pereira (2009, p.47): “O significado da palavra cadeira não é o objeto cadeira. O significado está na nossa mente (ou no dicionário), o referente está fora de nós, na realidade.”

Os signos podem ser classificados em:

- a) **índices:** o signo estabelece uma

[. . .] conexão real com o objeto que indica, e se diferencia do signo como tal; o índice é um estímulo indicativo, visto que sua função é sinalizar ou indicar um lugar, um objeto, uma ação ou uma pessoa. (SÁNCHEZ AVILLANEDA, 2005, p.50, tradução nossa).

Um exemplo seria a fumaça ser índice de fogo ou o chão molhado ser índice de que choveu (PEREIRA J, 2009, p.49);

- b) ícones:** o signo é parecido com o seu referente. Exemplo: uma fotografia;
- c) símbolo:** é uma relação convencional, estabelecida por algum grupo e isso é passado de geração para geração. As palavras, faladas ou escritas, podem ser exemplos de símbolos (PIGNATARI, 2002, p.31).

3.3 Comunicação Visual

Comunicação visual pode ser entendida como tudo o que os olhos veem (MUNARI, 1985, p.79, tradução nossa). Segundo o mesmo autor, a comunicação visual se dá através de mensagens visuais que atuam diretamente nos sentidos humanos. A comunicação visual também possui, assim como a Comunicação (da qual deriva), emissor, receptor, canal e ruído. Na qual o “[. . .] emissor será o gráfico, a mensagem o significado da ideia; o receptor será a pessoa que codifica a mensagem.” (SÁNCHEZ AVILLANEDA, 2005, p.16, tradução nossa) e o ruído, toda a interferência ocorrida na mensagem.

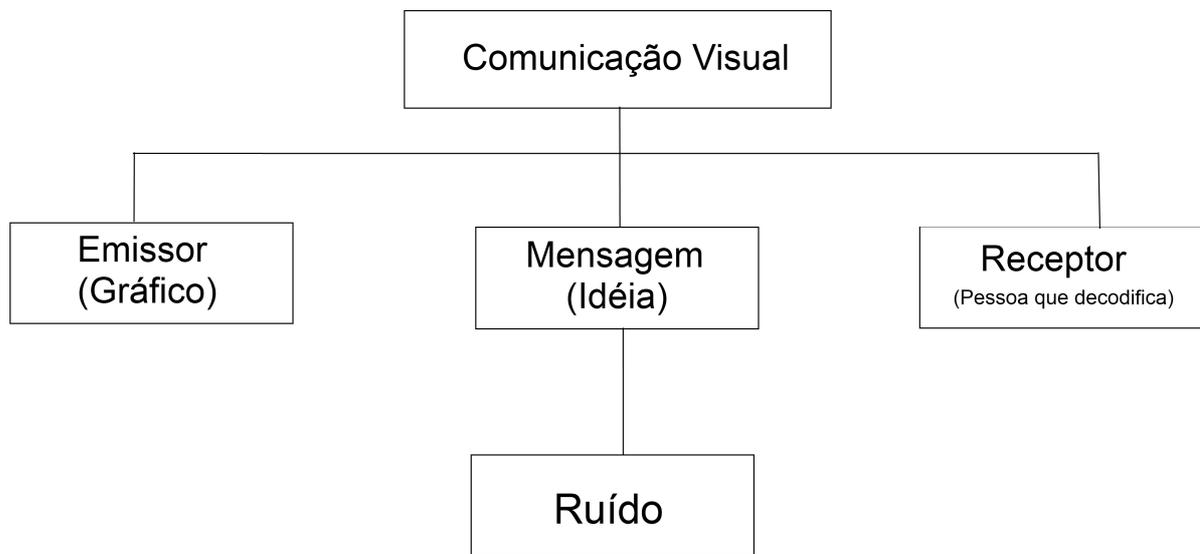


Figura 2 - Modelo de Comunicação Visual.

Fonte: Sánchez Avillaneda (2005, p.15-16) (adaptado pela autora).

3.3.1 Mensagem Visual

A mensagem visual é o elemento mais importante da comunicação visual. Segundo Sánchez Avillaneda (2005, p.16, tradução nossa):

Esses tipos de mensagens são elaborados com fins específicos e carregam informações segundo o contexto ambiental em que estão inseridas, seja um estacionamento, um hospital, uma biblioteca, etc.

Então, para cada tipo de ambiente haverá um tipo de mensagem visual específica.

Segundo Munari ([1990?], p.73, tradução nossa) a mensagem visual é dividida em dois componentes. O primeiro é a informação, na qual seu conteúdo é o significado da mensagem. Já o segundo componente é o suporte, que é o material utilizado para a transmissão da mensagem.

O suporte visual é o conjunto dos elementos que tornam visíveis a mensagem, todas aquelas partes que se levam em consideração e se analisam, para poder utilizá-las com maior coerência a respeito da

informação. São [eles]: a textura, a forma, a estrutura, o módulo, o movimento. (MUNARI, 1985, p.84, tradução nossa).

A representação da estrutura da mensagem visual é apresentada na Figura 3.

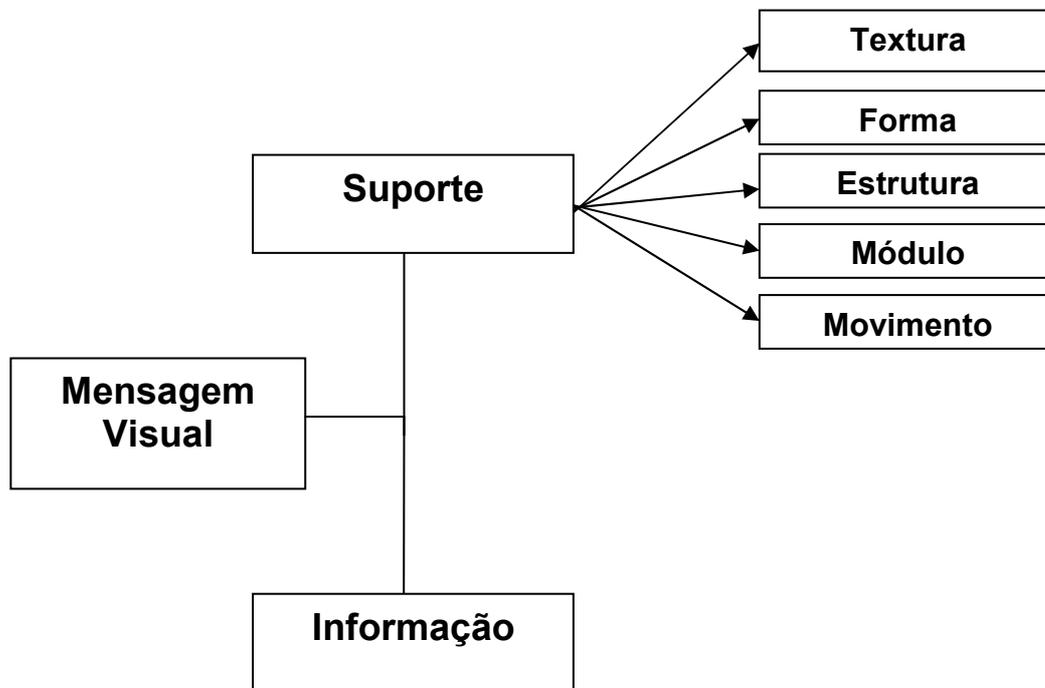


Figura 3 – Estrutura da Mensagem Visual.

Fonte: Munari (1985, p.85) (adaptado pela autora).

Uma das principais características da mensagem visual, e que deve ser constantemente lembrada, é que a informação transmitida deve ser universal, ou seja, todos que a virem devem conseguir entendê-la sem nenhuma dificuldade.

3.4 Sinalização

Pode-se dizer que sinalizar é o ato de orientar/identificar através de sinais o ambiente, para que as pessoas o utilizem da melhor maneira possível. Segundo Sánchez Avillaneda (2005, p.40, tradução nossa):

A sinalização é um conjunto de sinais gráficos convencionais ou estímulos de carácter auditivo, cromático, sensorial ou icônico, cujo objetivo é regular a mobilidade social no espaço tanto interior quanto exterior.

Uma constatação a ser feita é que na sinalização as mensagens devem ser de interpretação única. Isto porque tenta-se evitar ao máximo a utilização de mensagens textuais para que não se corra o risco das mensagens gráficas ficarem ambíguas.

Para Sánchez Avillaneda (2005, p.40, tradução nossa) a sinalização deve ser feita para

[. . .] identificar, controlar, prevenir, organizar, orientar e proporcionar a distribuição em um lugar onde a circulação das pessoas em área internas e externas se dê de maneira mais eficaz [. . .] assim como, tornar mais aproveitáveis os serviços que os indivíduos utilizam numa sociedade completa, dinâmica e difusa.

3.4.1 Elementos da Sinalização

Os elementos da sinalização são os signos, os ícones, os índices e os sinais, que já foram apresentados ao longo do texto. Agora se insere mais dois elementos: os pictogramas e os símbolos, que são melhores explicados a seguir.

3.4.1.1 Pictogramas

Os pictogramas são a transmissão de ideias através de desenhos, muito semelhantes ao objeto representado. Krung ([198-?], p.2) ainda acrescenta que os pictogramas são

[. . .] um sistema de comunicação conhecido no mundo inteiro que cria a possibilidade de compreensão graças a simples signos

gráficos, a símbolos de imagens que – ao contrário da palavra, escrita ou falada – não reconhece praticamente nenhuma barreira nacional.

Os pictogramas mais conhecidos são as sinalizações encontradas para inúmeros fins, como no trânsito, em estabelecimentos comerciais, na sinalização de segurança, etc.

Segundo Aicher ([198-?], p.12) para que um pictograma seja de qualidade ele deve preencher os seguintes critérios:

1. [. . .]deverá ter um caráter de signo e não ser uma ilustração.
2. [. . .] não deverá se referir a uma cultura específica, quer dizer, deverá ser compreendido por pessoas de outras esferas culturais.
3. [. . .] não deverá violar nenhum tabu.
4. [. . .] não deverá se referir a nenhum grau específico de instrução, isto é, deverá ser compreendido por pessoas com diversos graus de instrução.
5. [. . .] deverá ser legível e facilitar as informações, nunca dificultá-las.
6. [. . .] devem ser elaborados segundo regras uniformes de concepção e que correspondam à gramática da língua.

Todos esses cuidados visam reforçar a uniformidade e a universalidade do pictograma.

Abaixo, exemplos de alguns pictogramas retirados da norma ISO 7001: Símbolos para a Informação Pública, cujo objetivo é utilizar os sinais gráficos como forma de comunicação a todos.



Figura 4 – Pictogramas da ISO 7001: Símbolos para Informação Pública.

Fonte: Emerson, [200-?].

Os símbolos e os pictogramas podem, à primeira vista, parecer a mesma coisa, porém Sánchez Avillaneda (2005, p. 48, tradução nossa) propõe uma diferenciação muito importante:

Ao contrário do símbolo, o pictograma obrigatoriamente deve **reproduzir** o objeto, enquanto o primeiro [símbolo] se caracteriza por fazer referência ao conceito do objeto que se quer **representar** de modo convencional.

3.4.1.2 Sinais

Os sinais são signos convencionados a transmitir uma mensagem, com a intenção de “[. . .] provocar uma ação condicionada, um reflexo imediato (por exemplo ação de frear) provocado por alguns signos (a luz vermelha no semáforo).” (SÁNCHEZ AVILLANEDA, 2005, p.51, tradução nossa). Ou seja, o sinal é um aviso de como as pessoas devem proceder em uma determinada situação.

O objetivo dos sinais não é

[. . .] apenas comunicar, mas sobretudo produzir uma reação imediata ao observador. [Diferentemente da escrita] [. . .] o sinal impõem-se no campo de visão do ser humano quase contra a sua vontade. (FRUTIGER, 2007, p.315).

3.5 Sinalização em Bibliotecas

As bibliotecas são locais que armazenam a informação, independente do suporte em que a mesma (informação) se apresente. Com o objetivo de que a busca dessas informações torne-se útil é preciso contar, entre outros procedimentos, com uma sinalização adequada. “Se a biblioteca é um espaço informacional, a primeira informação deve começar por sua sinalização. [. . .] [Facilitando] a autonomia do usuário nas suas instalações.” (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007, p.31).

Ao se entrar em um local pela primeira vez, a sensação de insegurança e desconhecimento é bastante comum. Porém, quando se percebe que há indicações de onde ir e o que fazer, o temor e a desconfiança desaparecem.

A atitude de um usuário que ingressa pela primeira vez à biblioteca pode ser de insegurança ou timidez, podendo ele pedir ajuda ou não a quem está familiarizado com o ambiente; decorre daqui a importância dos símbolos, sinais e pictogramas para facilitar as suas decisões e ajudar a adequar o seu comportamento (POLLET; HASKELL, 1979, p.ix-x, tradução nossa).

Então, um dos objetivos da sinalização é transmitir às pessoas a tranquilidade de mobilidade segura em um ambiente desconhecido. Isso é garantido com a utilização de informações simples, rápidas e diretas.

3.5.1 Acesso a Biblioteca: sinalização externa

O primeiro tipo de sinalização que deve ser encontrada é a sinalização externa à biblioteca. Essa sinalização é aquela localizada no lado de fora do edifício, que orienta o usuário desde a sua chegada até a entrada principal da biblioteca. Pode-se dizer que essa é a primeira forma de comunicação entre o usuário e unidade de informação, pois, é através dela que o usuário inicia a sua “adaptação” ao ambiente.

Segundo o Institute... (1979, p.204, tradução nossa) a sinalização externa é composta de:

Sinais de localização e identificação da biblioteca para o usuário. Eles atraem a atenção e direcionam as pessoas até a biblioteca. A sinalização externa da biblioteca pode servir como uma publicidade ou meio de marketing para atrair usuários em potenciais.

Por estar localizado na parte externa do edifício este tipo de sinalização deve receber maiores cuidados, pois a chance de deterioração causada por agentes externos (as variações climáticas, a ação do tempo, o vandalismo, etc.) é maior.

[. . .] os sinais externos nem sempre são permanentes, isto é, são sinais que por estar ao relento podem cair, ser destruídos ou mexidos. Desvantagem que deve ser considerada no momento de criar sinais desse tipo [. . .] (SÁNCHEZ AVILLANEDA, 2005, p.73, tradução nossa).

O Institute... (1979, p.206, tradução nossa) compartilha da mesma opinião da autora anteriormente citada quanto à durabilidade da sinalização externa e ainda aconselha o uso de sinais temporários como forma de chamar a atenção para eventos da biblioteca.

A sinalização exterior não é permanente. Sinais temporários podem ser usados para anunciar atividades específicas ou programas da biblioteca. Estes sinais podem criar um sentimento de euforia e retratar algo fora do comum.

3.5.2 Sinalização do Ambiente Interno

A sinalização interna visa à instrução dos usuários tanto para a utilização dos recursos disponibilizados pela biblioteca, quanto das suas instalações. Isso pode ser feito através de sinais que “[. . .] possam fornecer orientação por meio de símbolos, mapas, ou comunicação por escrito.” (INSTITUTE..., 1979, p.209, tradução nossa).

Sánchez Avillaneda (2005, p.73, tradução nossa) acrescenta a importância de uma boa sinalização na biblioteca.

Facilitar o uso da estrutura da biblioteca e seus serviços é uma das finalidades do estabelecimento de uma sinalização eficaz na biblioteca. Instalar sinais adequados para fornecer toda a informação referente ao uso adequado das instalações e, acima de tudo, dos serviços que a biblioteca oferece será um dos objetivos a serem cumpridos de maneira satisfatória.

É através dela que os usuários conseguem deslocar-se melhor, de uma maneira ágil e segura no ambiente (coleções, equipamentos e instalações) da biblioteca. Além de garantir autonomia do indivíduo, a sinalização interna diminui o

trabalho da equipe da biblioteca de guiar os usuários entre as dependências da unidade de informação.

O termo autonomia se refere à possibilidade do usuário ter acesso direto, imediato e pessoal a informação. Neste sentido, uma sinalização efetiva permite a utilização pessoal dos recursos e serviços que a biblioteca oferece para a localização da informação documental. (SÁNCHEZ AVILLANEDA, 2005, p.75, tradução nossa).

3.5.3 A Ajuda da Sinalização na Identidade Visual

A escolha de uma boa sinalização em unidades de informação, além facilitar a mobilidade nas dependências da biblioteca, resulta na criação de uma identidade corporativa. Assim como as grandes empresas fazem, a biblioteca deve divulgar seu espaço, seus serviços e seus produtos através de uma sinalização única, que a identifique e ao mesmo tempo a diferencie das demais unidades de informação.

[. . .] a identidade corporativa, conceito que adotaram as companhias americanas, é a sinalização que deve ser dada aos produtos e departamentos com o propósito que as identifique e, em contrapartida, as diferencie de outras instituições corporativas através da utilização de uma tipografia particular, um logotipo ou um tema. (POLLET; HASKELL, 1979, p. 146, tradução nossa).

Além disso, a identidade visual de uma biblioteca se refere as suas “[. . .] características físicas, funcionais e estéticas com que se identifica a instituição bibliotecária.” (REGIDOR JIMENÉZ, apud SÁNCHEZ AVILLANEDA, tradução nossa)³.

Fazendo-se uma comparação com as grandes redes de hipermercados (Walmart, Carrefour, Zaffari, etc.) em nível de identidade corporativa, cada uma utiliza de uma série de elementos da comunicação visual de modo específico, garantindo-lhes

³ REGIDOR JIMENÉZ, Mabel. La sinalización, Educación y biblioteca. **Revista mensual de documentación y recursos didácticos**, Madrid, v.7, n.59, 1995. P.54. Apud SÁNCHEZ AVILLANEDA, 2005, p.67.

uma identidade visual única. A mesma fórmula necessita ser utilizada pelos responsáveis pelas unidades de informação, pois assim:

[. . .] a sinalização, como fator de identidade corporativa, favorece o nível de funcionalidade de áreas internas e externas da biblioteca contribuindo para o bom entendimento da comunicação visual. (SANCHÉZ AVILLANEDA, 2005, p.67, tradução nossa).

3.6 Tipografia

A tipografia é um dos elementos importantes no projeto visual. A palavra tipografia nasce da união de duas palavras gregas: *typos* e *graphein* e significam, respectivamente, “forma” e “escrita”, ou seja, forma da escrita. Segundo Niemeyer (2001, p.12):

Ela envolve a seleção e a aplicação de tipos, a escolha do formato da página, assim como a composição das letras de um texto, com o objetivo de transmitir uma mensagem do modo mais eficaz possíveis, gerando no leitor destinatário significações pretendidas pelo destinador.

Então, para cada tipo de mensagem há elementos tipográficos que podem auxiliar no sucesso da mesma junto ao leitor, assim como uma escolha errada dos elementos pode anular o conteúdo da mensagem.

A tipografia é composta de termos que são comumente utilizados, o que vale uma breve explicação sobre eles:

- a) **tipo**: nome dado a cada peça (espécie de cubo), que poderia ser tanto de metal quanto de madeira, com uma imagem (símbolo, letra, número, etc.) invertida gravada na parte de cima;
- b) **caractere(s)**: são os signos (letra, símbolo, número, etc.) utilizados tanto na escrita quanto na impressão;

- c) **estilo:** são as variações que um caractere pode apresentar em relação a largura (**negrito**), a inclinação (*itálico*) e a espessura (condensado);
- d) **fonte:** conjunto completo de caracteres “[. . .] de um alfabeto com um determinado design (Arial) em determinado estilo (normal) e um determinado tamanho (14).” (FONSECA, 2008, p.125). Exemplo: Arial, tamanho 12, estilo *itálico*;
- e) **família:** são todas as variações (peso, tamanho, estilo disponíveis) que uma fonte (Arial, Garamond, Times New Roman) pode apresentar. Exemplo: a fonte Garamond pode ter inúmeros tamanhos (12,14), estilos (negrito, itálico), etc.

Na história da tipografia há alguns fatos interessantes. Os nomes de algumas famílias tipográficas são o sobrenome dos tipógrafos que as criaram. Exemplo: Garamond – Claude Garamond: fundidor de tipo, nascido no século XV, na França; Baskerville – John Baskerville: designer de tipos, viveu no século XVIII na Inglaterra.

Segundo Niemeyer (2001), o tipo apresenta as seguintes características:

- a) **a espécie de caracteres:** podem ser maiúsculas, minúsculas, possuir acentos gráficos, algarismos, sinais de pontuação, etc;
- b) **principais partes que o compõe:** hastes (ou fustes) e as bases, as ascendentes e as descendentes, as barrigas e os ocos (ou vazios), as barras, os montantes (ou traves), os ganchos, as ápices (ou cabeças), os braços, os ombros, as orelhas e as caudas. É importante salientar que nenhuma letra possui todos estes elementos e que alguns são específicos de um determinado tipo (Figura 5);



Figura 5 - Visualização das Partes do Tipo.

Fonte: Design for Web

c) variações estruturais:

- *tamanho*: se refere à altura (corpo) do tipo. Exemplo: C c c,
- *forma*: variações quando escrita em maiúscula e em minúscula. Exemplo: F f,
- *peso*: espessura dos traços em um mesmo corpo de um tipo de uma mesma família. Vai do mais espesso ao mais fino: extra negrito (*extra black*), negrito (*bold*), normal (*médium*) e extra claro (*extra light*),
- *inclinação*: normal, itálico,
- *estrutura*: classificação da família do tipo: A (Courier New), A (Ariel Black), etc., e
- *largura*: condensado, apertado, etc;

d) **sistemas de medida:**

- *Cícero*: unidade de medida do sistema Didot, corresponde a, aproximadamente, 4,51 mm e equivale a 12 pontos (o ponto equivale ao tamanho do tipo se fosse moldado no metal),
- *Paica*: também deriva do sistema Didot, corresponde a 1/72 da polegada inglesa, também é formada por 12 pontos.

Percebe-se, pelo que foi exposto, que o uso da tipografia requer conhecimento de inúmeros detalhes que visam garantir o sucesso da mensagem.

3.7 Programa de Sinalização para Biblioteca

Um bom sistema de sinalização transmite uma grande quantidade de informações úteis, permitindo que as pessoas possam orientar-se sozinhas em ambientes desconhecidos, encontrando aquilo que desejam (SELFRRIDGE, 1979, p.50, tradução nossa).

Então, na elaboração de um projeto de sinalização para uma biblioteca, alguns aspectos devem ser cuidadosamente analisados. Primeiramente, por se tratar de um projeto multidisciplinar, o bibliotecário e o arquiteto e/ou designer deverão trabalhar em parceria. Isso porque o bibliotecário sabe os problemas de comunicação visual existentes na unidade de informação e, a partir disso, o arquiteto apresenta as soluções cabíveis (SÁNCHEZ ALVILLANEDA, 2006, p.112, tradução nossa).

Após é necessário que seja feito um planejamento, visando especificar as atividades que serão realizadas nas áreas pretendidas da biblioteca, bem como a escolha da equipe que participará do projeto.

Optou-se por apresentar o restante dos aspectos considerados fundamentais para um sistema de sinalização, no subtópicos seguinte.

3.7.1 Grupos de Sinais

Os sinais utilizados para a sinalização podem ser de quatro tipos:

- a) **direcionais**: guiam os usuários para os seus destinos, através da utilização de setas. Podem ser agrupados de acordo com a sua direção, ou seja, destinos que estão na mesma direção devem ficar em uma única placa. Isso facilita o entendimento e a visualização;
- b) **de identificação**: identificam os lugares, “avisando” ao usuário quando o mesmo chegou ao destino pretendido, bem como os equipamentos do local onde estão inseridos. São exemplos, os sinais externos e os alguns sinais internos (numeração dos andares, por exemplo). (REYNOLDS; BARREL, 1987, p.14, tradução nossa);
- c) **de instrução**: indicam, através de procedimentos, quais as melhores maneiras de utilização do local, incluindo serviços, equipamentos e materiais. Um exemplo seria a sinalização de segurança; e
- d) **informativos**: fornecem informações sobre a disponibilidade dos serviços e dos recursos da biblioteca, bem como restrições ou condições especiais de uso do prédio da unidade de informação. Um exemplo seria o horário de funcionamento da biblioteca, assim como fazer silêncio e não comer/beber nas dependências da biblioteca.

3.7.2 Pictogramas

A utilização de pictogramas facilita o rápido entendimento da mensagem que se pretende passar, são de compreensão universal e não requerem muito espaço. E “[. . .] esses signos devem ser os mais simples possível, de forma a facilitar a sua reprodução e memorização.”(BRASIL...,1984, p.51).

Já existe uma série de pictogramas prontos, a escolha do modelo dependerá da sua localização. Somente em casos extremamente específicos são

recomendados que se façam novos pictogramas. O emprego dos já existentes tem a vantagem de facilitar a compreensão, uma vez que já são conhecidos.

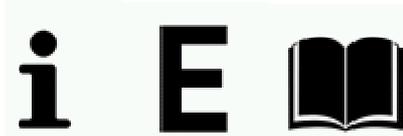


Figura 6 - Pictogramas de Informação, Estacionamento e Biblioteca, respectivamente.

Fonte: Elaborado pela autora.

3.7.3 Estilo da Fonte

Para a escolha do tipo de letra que será utilizado, deverá ser privilegiada a sua legibilidade e a sua “leitabilidade”. Ademar Pereira (2004, p.104) explica que legibilidade e “leitabilidade” é a tradução de dois termos em inglês, respectivamente:

- a) **legibility**: referente as qualidades inerentes aos tipos em si, que os fazem reconhecidos e claros para serem lidos; e
- b) **readability**: se refere a qualidade do conforto visual, à facilidade de compreensão dos textos, ao que se torna agradável a sua leitura.

Isto é, o tipo escolhido deve ser “[. . .] simples e familiar, facilitando assim, a sua identificação.” (REYNOLDS; BARRET, 1987, p.26, tradução nossa). É importante lembrar que os modelos de tipos sem serifa, geralmente, são os melhores de serem visualizados (legibilidade) e lidos (leitabilidade) a certa distância.

Os modelos com ou sem serifa influenciam também no tipo de atmosfera que se pretende passar para o ambiente da biblioteca. Para prédios que apresentem um ambiente mais formal, recomenda-se a utilização de tipos serifados. Assim como, para ambientes mais descontraídos a escolha de tipos sem serifa, pode parecer o

correto. Porém, nada impede que em construções mais modernas sejam utilizados tipos serifados, e em prédios mais antigos, tipos sem serifas.

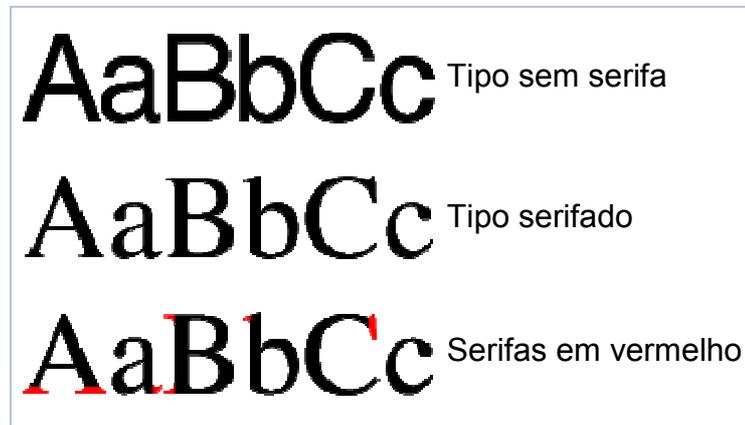


Figura 7 - Demonstração de Tipos Com e Sem Serifa.

Fonte: Serifa, [2000?].

3.7.4 *Espacejamento*

Um bom espaçamento entre as letras permite que, quando vistas de longe, possam ser lidas corretamente. Quando o espaço dado é muito pequeno as palavras utilizadas na composição da mensagem parecerão de longe uma única e longa palavra; já quando o espaçamento é muito grande as palavras deixarão de serem palavras, para ser tornar apenas letras soltas. O uso de letras maiúsculas deve ser ponderado, pois, diferente das letras minúsculas, o espaçamento usado entre elas é maior, diminuindo a sua legibilidade (REYNOLDS; BARRET, 1987, tradução nossa).

O espaçamento ideal entre as palavras deve ser, aproximadamente, a largura de um “n” (REYNOLDS; BARRET, 1987, p.36, tradução nossa). Um exemplo de como pode ocorrer na prática é dado por Herrmann (2004, p.46):

espaçamentonidealnentrenasnpalavras
 espaçamento ideal entre as palavras

3.7.5 Letras Maiúsculas x Letras Minúsculas

A utilização de letras minúsculas oferece mais vantagens do que o uso de letras maiúsculas. É um erro pensar que o emprego somente de letras maiúsculas tem melhor visibilidade a uma determinada distância.

Os ascendentes e os descendentes das palavras em letra minúscula são mais facilmente reconhecidos e diferenciados, em relação ao uso de somente letras maiúsculas (REYNOLDS; BARRET, 1987, p.30, tradução nossa).

O aconselhável é a utilização de letras maiúsculas nos início de frases ou orações e o restante do texto em letras minúsculas. O uso de somente letras maiúsculas deve ser condicionado a sinais que transmitam um ar de autoridade (REYNOLDS; BARRET, 1987, p.30, tradução nossa).

3.7.6 Tamanho dos Painéis

Na utilização de painéis na sinalização não se recomenda uma grande variação nos tamanhos deles. Os tamanhos devem ser estabelecidos de acordo com o grupo de sinais que serão utilizados na biblioteca. Assim, para grupos de sinais iguais, tamanhos iguais. Isso ajudará o usuário a diferenciar o tipo e a importância do sinal que está contido nos painéis.

O uso limitado de tamanhos de painéis facilita a distinção, produzindo uma harmonia estética no ambiente muito melhor do que vários tamanhos diferentes. [. . .] A eficácia do sistema também será reforçada porque o tamanho do painel se tornará um sinal adicional, permitindo ao usuário distinguir entre sinais de diferentes tipos de relance. Além disso, a utilização de poucos tamanhos de painéis gera economia, independente do material utilizado para a fabricação (REYNOLDS; BARRET, 1987, p.41, tradução nossa).

3.7.7 Layout dos Painéis

Quanto ao layout dos painéis, ele pode ser de dois tipos: plantas e diretórios. As plantas, assim como já diz o nome, demonstram através do desenho da planta baixa do prédio as instalações, os equipamentos, mobiliário, etc. Já os diretórios são painéis, que dependendo da quantidade de destinos que indica, com auxílio de setas, podem ser classificados em grandes (vários destinos) ou pequenos (até três destinos). A visualização dos destinos é feita através de listagens, podendo ser alfabéticas ou andar por andar, com a numeração do andar associada a elas. A numeração de cada andar deve receber um destaque, seja através de uma cor, de um tamanho ou de um posicionamento diferente (REYNOLDS; BARRET, 1987, tradução nossa).

Para o uso de sinais direcionais nos diretórios, os destinos devem estar agrupados de acordo com a sua direção. Reynolds e Barret (1987, tradução nossa) indicam uma ordem ideal de aparecimento dos destinos no diretório: primeiro coloca-se os destinos cujas setas apontam para cima (frente), logo após as setas diagonais para cima, setas horizontais e, por fim as setas diagonais para baixo. Na Figura 8, pode ser vista a demonstração da ordem das setas em um diretório:



Figura 8 - Demonstração da Organização das Setas em um Diretório de Acordo com o seu Sentido.

Fonte: Reynolds e Barret (1987, p.50) (adaptado pela autora)

As setas podem estar localizadas antes ou depois dos nomes dos destinos.

Segundo Reynolds e Barret (1987, tradução nossa) para a utilização em sinais de identificação, tanto os localizados nas portas como em estantes e prateleiras, é recomendando que os textos estejam alinhados à esquerda, o que facilita a sua leitura. Já com sinais informacionais, o ideal é que a informação se apresente em uma frase curta ou sentença. Quando ultrapassar isso, divide-se o texto em parágrafos, com a adição de títulos e subtítulos. Os títulos devem ser claramente distinguidos do restante do texto, com o uso de negrito ou letras grandes, por exemplo.

A utilização de sinais instrucionais requer cuidados. Uma vez que eles são melhores compreendidos com a utilização de ilustrações ou desenhos, ao invés de somente um texto contínuo (REYNOLDS; BARRET, 1987, p.41, tradução nossa).

3.7.8 Instalação dos Sinais

Se a colocação dos sinais não for bem estudada, todos os cuidados descritos até aqui para uma boa sinalização terão sido inúteis. Primeiro a altura para localização das placas, de acordo com Sánchez Avillaneda (2005, p.117) “[. . .] é cerca de dois metros e a utilização de qualquer sinal que contenha uma seta deve ser colocado no ponto onde ocorra a troca de direção, para que seja completa.” Sinais de mesmo tipo devem estar situados em altura similar, reduzindo a “competição” entre diferentes tipos de sinais e isso “[. . .] ajudará os usuários a localizar os tipos de informações que necessitam.” (REYNOLDS; BARRET, 1987, p.62, tradução nossa).

Inúmeras vezes, a biblioteca pode não ter o espaço adequado para a colocação das placas dos sinais. Para tentar solucionar esse problema, a unidade de informação pode utilizar quatro tipos de colocação de placas: fixa, projetada, móvel e suspensa. Para cada uma há uma sugestão de altura correta. As placas de sinalização projetadas e suspensas devem estar bem fora de alcance, ou seja, localizadas no alto. Já as placas fixas devem estar localizadas, preferencialmente, na altura dos olhos (REYNOLDS; BARRET, 1987, p.62, tradução nossa).

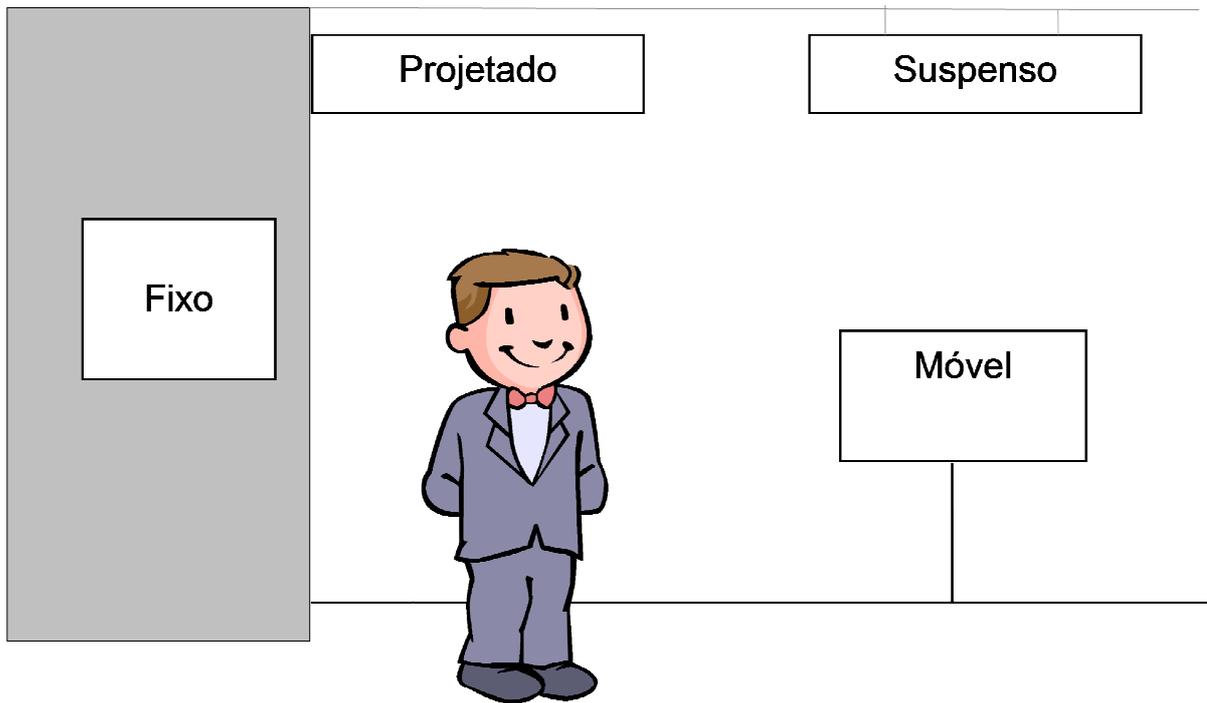


Figura 9 - Altura Adequada para a Localização dos Sinais.

Fonte: Reynolds e Barret (1987, p.63) (adaptado pela autora). Desenho do boneco retirado do Programa Microsoft Office 2007.

De acordo com o tipo de sinalização (identificação, direcionais, etc.) e suporte (plantas, diretórios) utilizados, pode-se estabelecer a melhor localização dessa sinalização no ambiente da biblioteca (Quadro 2).

		Localização dos Sinais			
		Fixos	Projetados	Móveis	Suspensos
Tipos de Suporte e Sinais	Plantas	X		x	
	Diretórios	X		x	
	Direcionais	X	X		X
	Identificação	X	X	x	
	Informacionais	X		x	X
	Instrução	X		x	

Quadro 2 - Relação dos sinais com a sua melhor localização no ambiente.

Fonte: Elaborado pela autora.

3.7.9 Cores

A impressão de textos fica mais legível quando as letras são escuras em um fundo claro (imagem positiva) do que aquela em que foram utilizadas letras claras em um fundo escuro (imagem negativa).



Figura 10 – Imagem Positiva e Negativa.

Fonte: Elaborado pela autora.

As cores são definidas de acordo com três variáveis: o matiz (o que distingue uma cor da outra), croma (pureza de uma cor) e brilho (qualidade de claro ou escuro). E este último elemento é o que permite a mensagem ser legível. O brilho se dá através do contraste, isto é, pela utilização de letras escuras e fundos claros, ou vice-versa (REYNOLDS; BARRET, 1987, p.58, tradução nossa). Abaixo (Quadro 3), apresenta-se uma lista de classificação de combinações que inicia com cores ideais para a visualização (1) e encerra com as combinações que devem ser evitadas (16).

Combinações mais visíveis	Combinações menos visíveis
1. Preto sobre o fundo amarelo	9. Branco sobre o fundo marrom
2. Preto sobre o fundo branco	10. Marrom sobre o fundo amarelo
3. Amarelo sobre o fundo preto	11. Marrom sobre o fundo branco
4. Branco sobre o fundo azul	12. Amarelo sobre o fundo marrom
5. Amarelo sobre o fundo azul	13. Vermelho sobre o fundo branco
6. Verde sobre o fundo amarelo	14. Amarelo sobre o fundo vermelho
7. Azul sobre o fundo amarelo	15. Vermelho sobre o fundo amarelo
8. Branco sobre o fundo verde	16. Branco sobre o fundo vermelho

Quadro 3 – Combinações de cores para visualização.

Fonte: Institute... (1987, p.238) (adaptado pela autora).

O uso de cores na biblioteca também é utilizado como forma de codificação, em que cada área ou setor pode possuir uma cor e os sinais existentes nele terão o mesmo padrão cromático. Porém, segundo Reynolds e Barret (1987, p.59, tradução nossa) as cores devem ser utilizadas acompanhadas de textos e não em substituição a eles. Além disso, dependendo da cor ela não poderá ser escolhida, pois pode já ser utilizada para a sinalização de segurança.

Antes de fazer a escolha final das cores é importante levar em consideração os regulamentos locais relacionados à cor dos sinais de aviso e perigo, uma vez que esses podem restringir a escolha das cores disponíveis para o uso em um sistema de codificação. (REYNOLDS; BARRET, 1987, p.60, tradução nossa).

Na escolha das cores, deve se privilegiar, as cores atuais do local, ou até mesmo, a cor utilizada pela instituição. Quando não houver imposição do ambiente, “[. . .] a cor pode ser usada para distinguir entre os diferentes grupos de sinais ou enfatizar sinais individuais dentro de um grupo (REYNOLDS; BARRET, 1987, p.59, tradução nossa).

3.7.10 Materiais

A escolha dos materiais deve ser feita levando em consideração vários elementos: “[. . .] custo, aspecto, durabilidade, resistência, manutenção, além da adequação do desenho e o lugar onde se colocariam os sinais.”(SÁNCHEZ AVILLANEDA, 2005, p. 116, tradução nossa). Assim, os materiais que podem ser utilizados, segundo a mesma autora, vão desde plástico, metais, vidro, pedra, concreto até produtos cerâmicos.

Outro fator para a escolha dos materiais é a localização dos sinais. Para a localização externa, a utilização de materiais resistentes é indispensável, uma vez que estão expostos a agentes externos (vandalismo, ações do tempo, etc.). Já para os sinais internos, a variedade de materiais aumenta pelo fato dos mesmos ficarem em locais abrigados. Um exemplo de material ideal para a utilização, tanto para a

sinalização interna quanto a externa, é o Policloreto de Vinila (PVC). Isso porque ele é

[. . .] um plástico versátil, resistente, impermeável, durável, inócuo e 100% reciclável; não se corrói, é isolante térmico e acústico e não propaga fogo, podendo ser produzido em qualquer cor, desde transparente até opaco e de rígido a flexível. (INSTITUTO..., [200-?]).

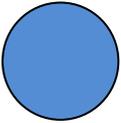
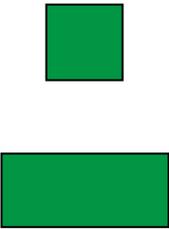
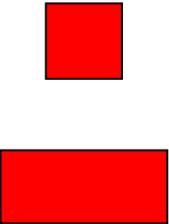
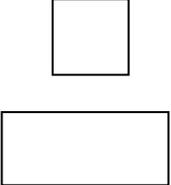
Seu baixo custo e o fato de possuir uma vida útil de, em média, 60 anos são características que o tornam um material muito atrativo.

3.7.11 Sinalização de Segurança

Os sinais inclusos nesse tipo de sinalização têm o intuito de fornecer informações adequadas quanto a procedimentos que devem ser seguidos em situações que ofereçam riscos à saúde. Isso inclui indicar a existência de equipamentos de proteção individual (EPI), bem como as devidas instruções de como proceder em situações de emergência.

A sinalização de segurança está regulamentada pela International Organization for Standardization (ISO) através das normas *ISO 3864: Símbolos Gráficos - Cores e Sinais de Segurança* e *ISO 7010: Símbolos Gráficos – Sinalização de Segurança em Locais de Trabalho e Área Públicas*. A primeira norma determina “[. . .] as cores, as formas e as dimensões dos principais tipo de sinais de segurança. E a segunda efetiva diversos sinais de segurança, definindo-os para utilização universal.” (SOARES, 2005, p.6).

Para melhor visualização dos tipos de sinais de segurança, eles são apresentados no Quadro 4.

Forma Geométrica	Significado	Cor de Segurança	Cor Contrastante	Cor do Símbolo Gráfico	Exemplo de Aplicação
	Proibição	Vermelho	Branco	Preto	 Não fume
	Obrigatório	Azul	Branco	Branco	 Proteção obrigatória da cabeça
	Aviso	Amarelo	Preto	Preto	 Cuidado, risco de choque elétrico
	Condição segura; Meios de fuga; Equipamento de segurança	Verde	Branco	Branco	 Posto de primeiros socorros
	Sinais para equipamento de combate a incêndios	Vermelho	Branco	Branco	 Extintor
	Sinais adicionais	Branco ou a cor do sinal de segurança	Preto ou a cor de contraste do sinal de segurança	Cor relevante do símbolo de segurança	 PERIGO DE MORTE ALTA TENSÃO

Quadro 4 – Sinais de Segurança.

Fonte: ISO 3864-1:2002 (adaptado pela autora).

Para os padrões brasileiros, encontram-se a disposição a Norma Regulamentadora *NR 26 - Sinalização de Segurança* editada pelo Ministério do Trabalho e Emprego. Tem por objetivo “[. . .] fixar as cores que devem ser usadas nos locais de trabalho para prevenção de acidentes, identificando os equipamentos de segurança [e] delimitando áreas [. . .]” (BRASIL, 2002). A NR 26 salienta que o uso das cores não substitui as outras formas de prevenção de acidentes, como por exemplo, a utilização de EPI. E, também, deixa bem claro que o uso das cores deve ser restringido, uma vez que podem causar distração ou confusão.

3.8 Programa de Sinalização em Bibliotecas Universitárias

Uma vez que a sinalização em bibliotecas universitárias foi o tema principal deste trabalho, resolveu-se apresentar exemplos de trabalhos e obras voltadas para a sinalização em bibliotecas de todos os tipos, inclusive as universitárias, assim como o Programa de Sinalização da UFRGS.

Primeiramente, cita-se o trabalho de conclusão de curso (TCC) em Biblioteconomia de Cristian Herrmann, de 2004, na qual ele propõe um padrão de sinalização para o Centro de Estudos localizado junto à Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Ao longo do trabalho, o autor apresenta os problemas de sinalização e as possíveis soluções para uma padronização adequada da sinalização interna do local. Entre as possíveis soluções encontram-se os tipos de sinais que deveriam ser utilizados e onde poderiam estar localizados. O trabalho ainda sugere quais são os tipos de informações necessárias nos sinais e as cores utilizadas para a sinalização (que neste caso foram baseadas nas cores já existentes no local). Ainda é proposto pelo autor o tipo de material que pode ser utilizado nesses sinais.

No livro “Sign Systems for Libraries: solving the wayfinding problem”, compilado por Dorothy Pollet e Peter C. Haskell, em 1974, encontram-se artigos que abordam a sinalização para as bibliotecas dos Estados Unidos. Em um dos textos, escrito por Marvin Wiggins e Mccray Magleby, capítulo 14, é abordada a implantação de um sistema de sinalização em bibliotecas universitárias, na qual os autores fornecem instruções dos melhores tipos de sinais e informações contidas neles,

localização, tamanhos, entre outros, para compor um programa de sinalização adequado.

Por fim, a UFRGS disponibiliza em seu site um projeto de sinalização intitulado “Projeto de Sinalização: manual de uso”, na qual são apresentadas “[. . .] as diretrizes para implementação do sistema de sinalização interna e externa da UFRGS.” (UNIVERSIDADE..., 2004). Esse projeto foi desenvolvido pela empresa GAD’DESIGN, em meados do ano de 2004, para a Universidade. São contempladas nesse projeto, como já mencionado acima, a sinalização interna e a externa dos quatro campi da UFRGS. Com isso, cada campus, no projeto, possui uma identificação visual diferente. De acordo com a equipe responsável, a sinalização foi dividida da seguinte maneira: *externa* - acessos e portões, *intra-campus* - dentro das dependências de cada campus e *interna* - dentro das edificações. Estão inclusos no plano, as especificações quanto aos tipos de sinais e localização dos mesmos, além de especificar os tamanhos, os materiais, as cores, a fonte que deve ser utilizada, bem como outras informações úteis para a implementação do projeto. Ao final do documento, encontram-se imagens com o sinal adequado de acordo com a sua localização.

Ao mostrar os casos de sinalização em bibliotecas universitárias e apresentar a existência de um projeto de sinalização da UFRGS pretendeu-se informar ao leitor a existência de materiais específicos voltados para o assunto abordado neste trabalho. O projeto de sinalização da UFRGS, em especial, será de grande utilidade, pois, como é abordada a questão da sinalização das bibliotecas da área da saúde dessa instituição, os padrões recomendados por uma empresa especializada (GAD’DESIGN) na área, para a utilização dos sinais na Universidade, auxiliam no desenvolvimento de uma proposta concreta e correta para a sinalização daquelas bibliotecas.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo apresenta-se o tipo de pesquisa que foi utilizado no trabalho, o tamanho e característica da população que fez parte dele e a técnica de coleta escolhida. Bem como o procedimento para a coleta dos dados e a forma que se deu o tratamento desses dados.

4.1 Tipo de Pesquisa

Este estudo é caracterizado como uma pesquisa descritiva, com aspectos qualitativos. Em relação aos aspectos qualitativos foi utilizado o método de pesquisa de estudo de caso único. Segundo Gil (2010, p.118): “Estudo de caso único refere-se a um indivíduo, um grupo, uma organização, um fenômeno, etc.” Mesmo esse trabalho estando direcionado a investigar mais de um caso, é correto afirmar estudo de caso único e não estudo de casos múltiplos. Isso por que: “Quando, por exemplo, o caso em estudo refere-se a uma universidade e são estudadas as faculdades que a compõe, estas constituem unidades de análise e não caso.” (GIL, 2010, p.119). Então, por estarem vinculadas a uma instituição (UFRGS), as bibliotecas da área da saúde foram tratadas como unidades de análise.

4.2 Tamanho e Característica da População

A população foi composta pelas bibliotecas do Sistema de Bibliotecas da UFRGS, que são, ao todo, 34. Já a amostra selecionada para a investigação são as bibliotecas da área da saúde da UFRGS, que são oito. A escolha pelas bibliotecas da área da saúde se deu porque a autora da pesquisa realizou o estágio obrigatório na biblioteca Edgar Sperb, mais conhecida como a biblioteca da ESEF.

4.3 Técnica de Coleta de Dados

Nesse estudo utilizou-se como técnica de coletas de dados a observação sistemática, não participante, individual e em campo. Na observação sistemática pode-se

[. . .] conseguir informações utilizando os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. (MARCONI; LAKATOS, 2007, p. 275).

Outra característica importante da observação sistemática é que:

Ao se decidir pela adoção dessa modalidade, o pesquisador sabe quais os aspectos da comunidade, da organização ou do grupo são significativos para alcançar os objetivos pretendidos. Assim ele é capaz de elaborar um plano de observação para orientar a coleta, análise e interpretação dos dados. (GIL, 2010, p.121).

E também porque é a modalidade mais adequada para pesquisas descritivas.

Além da observação sistemática, se fez o uso da observação não participante, ou seja, o pesquisador é um observador e expectador ao mesmo tempo, evitando qualquer tipo de contato com a realidade analisada (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2010, p.31).

A observação individual foi realizada por um único pesquisador e observação em campo se deu a partir de observações em condições reais, em locais onde não se podiam prever os fenômenos (BARROS; LEHFELD, 2009, p.78).

Para alguns autores como Yin (2005, p.121) e Barros e Lehfeld (2009, p.77) um bom observador utiliza técnicas de fotografia e/ou filmagem para registrar a observação feita no local de estudo. Proporcionando, assim, que esse material possa ser analisado, posteriormente, com mais cuidado e mais tempo. Então, a

fotografia foi um dos recursos utilizados para o registro da sinalização existente nas bibliotecas.

O instrumento de coletas de dados foi uma planilha desenvolvida pela pesquisadora, embasado no referencial teórico do presente trabalho, que apresentava as características necessárias para avaliar a sinalização nas bibliotecas participantes (APÊNDICE A e APÊNDICE B).

4.4 Procedimento de Coleta de Dados

Inicialmente, a coleta de dados aconteceu com a confecção de uma carta de apresentação (APÊNDICE C) que apresentava tanto a pesquisadora, quanto os objetivos da coleta e que foi entregue aos responsáveis pela unidade de informação, com o intuito de informar sobre a importância e aplicação da pesquisa. As observações foram realizadas pela própria pesquisadora. Como foram oito unidades de análises, localizadas em diferentes locais, destinou-se, em média, duas horas para cada local, a fim de coletar o maior número de informações possíveis. A coleta foi realizada no horário de atendimento das bibliotecas pesquisadas, bem como das unidades as quais estão inseridas. Foram analisadas as sinalizações internas e externas da biblioteca. Quando necessário, se fez uso de uma câmera fotográfica para ajudar no registro e na elucidação da descrição das bibliotecas.

4.5 Análise e Tratamento das Informações

Como a pesquisa utilizou uma abordagem descritiva, a apresentação dos dados foi em forma de texto, com o respaldo da literatura utilizada no contexto do trabalho. Gil (2010, p.123) informa que: “A forma mais tradicional de análise dos estudos de caso consiste na identificação de alguns tópicos-chave e na consequente elaboração de um texto discursivo.”

Por se tratar de um estudo de caso, a análise e interpretação dos dados foram realizadas juntamente à coleta.

Ao contrário de outros delineamentos [. . .] a análise e interpretação é um processo que nos estudos de caso se dá simultaneamente à sua coleta. À rigor, a análise se inicia com a primeira entrevista, a primeira observação e a primeira leitura de um documento. (GIL, 2010, p.122).

4.6 Teste do Instrumento de Coleta

A aplicação do teste piloto ou pré-teste se fez necessária a fim de conseguir que o instrumento da pesquisa pudesse reunir condições que garantissem resultados isentos de erros (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 19). Martins (2008, p.39) acrescenta

[. . .] o que se deseja no pré-teste, que pode ser aplicado mais de uma vez, é o aprimoramento e o aumento da confiabilidade e validade, ou seja, garantias de que o instrumento se adéque totalmente à finalidade da pesquisa.

Possibilitando ao pesquisador avaliar a precisão de seu instrumento de pesquisa junto a uma pequena parcela da população alvo.

Sendo assim, o teste-piloto foi aplicado um mês antes do início da coleta de dados, em uma biblioteca universitária, porém de outra instituição de ensino superior. Adotaram-se esses cuidados com a intenção de que o ambiente do pré-teste possuísse características semelhantes as do universo abrangido pela pesquisa.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para apresentar os resultados da análise resolveu-se dividir a seção em dois grandes blocos. Primeiramente, é exibida a sinalização externa, de uma maneira geral, pois não houve variação nos resultados apresentados pelas bibliotecas. Depois, são expostos os resultados sobre a sinalização interna, quando conveniente divida em subseções. Essa distribuição foi baseada na ordem em que os dados estavam dispostos no instrumento de coleta.

5.1 Sinalização Externa

Na análise das bibliotecas constatou-se que a maioria não possuía sinalização externa, aqui entendida como os sinais que melhor direcionam, localizam e identificam a biblioteca para que o usuário possa chegar a mesma com tranquilidade e segurança. Como exemplos desse tipo de sinal, podem ser considerados as placas que contenham o nome da biblioteca ou, como no caso da maioria das bibliotecas da UFRGS, a identificação do prédio da faculdade onde a mesma está inserida, e o seu horário de funcionamento. A seguir, na Figura 11, são apresentados três sinais externos: a primeira placa exibe o nome da biblioteca, a segunda o horário de funcionamento (esse tipo de sinal, também, pode ser considerado sinalização interna) da mesma e a terceira é um diretório com as setas demonstrando a direção a seguir em relação à biblioteca e aos prédios mais próximos (REYNOLDS; BARRETT, 1981, p.102 e 103, tradução nossa).

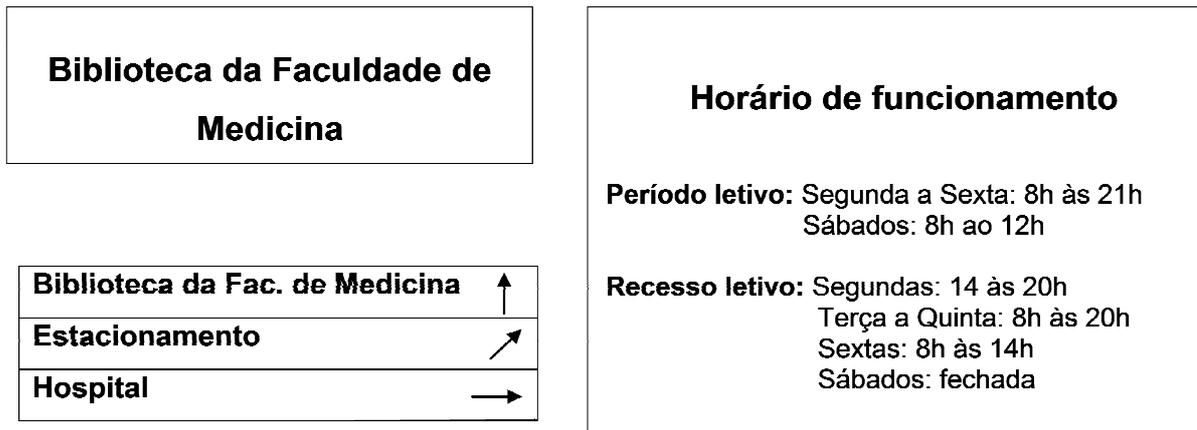


Figura 11 - Placas de Sinalização Externa.

Fonte: Reynolds e Barrett (1981, p.102 e 103, tradução nossa) (adaptado pela aurora)

5.2 Sinalização Interna

O próximo item analisado foi a sinalização interna. Os sinais que compõem esse tipo de sinalização devem direcionar, informar, identificar e instruir o usuário para a melhor utilização do ambiente, equipamentos, materiais e serviços oferecidos pela biblioteca. “Eles informam os serviços disponíveis e explicam como usá-los. Eles direcionam o tráfego e ajudam a usar o espaço eficientemente.” (INSTITUTE..., 1979, p. 228, tradução nossa).

Verificou-se que, de uma maneira geral, nenhuma das bibliotecas apresentou um padrão de sinalização interna. Com o intuito de melhorar a apresentação dos resultados do estudo realizado optou-se por expô-los em tópicos de acordo com a ordem em que foram coletados.

5.2.1 Quanto a existência de sinais

Ao entrar no prédio na qual as bibliotecas localizavam-se, primeiramente, observou-se se havia sinais direcionais, informacionais, de identificação e de instrução. Em todas as bibliotecas analisadas foram encontrados os sinais

informativos, que são aqueles que informam sobre os serviços prestados, sua localização e o horário de funcionamento. No caso das bibliotecas pesquisadas, esses sinais foram representados pelo horário de funcionamento das unidades não sendo fornecidas as informações sugeridas por Reynolds e Barrett (1981) antes mencionadas.

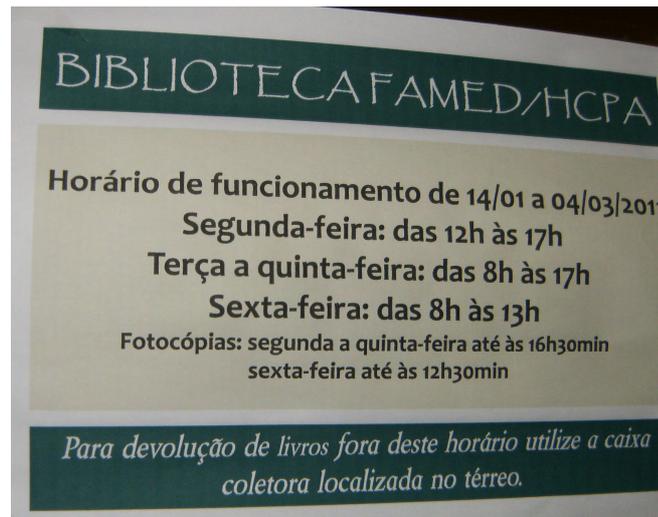


Figura 12 - Sinal Informativo.

A metade das bibliotecas apresentou sinais de identificação. Esses sinais nomeiam as áreas principais e as secundárias da biblioteca e mesmo sendo lugares ou objetos informam ao usuário da sua chegada ao destino pretendido. (SELFRIDGE, 1979, p.51, tradução nossa).



Figura 13- Sinal de Identificação de uma das Áreas da Biblioteca.

Quanto aos sinais de instrução somente uma pequena parte das unidades os possuía. Esses tipos de sinais, segundo Selfridge (1979, p.51, tradução nossa), referem-se à utilização dos acervos e dos catálogos, equipamentos de reprografia, das proibições quanto a fumar e alimentar-se no ambiente, além de indicar áreas privadas e restritas ao acesso do público em geral.

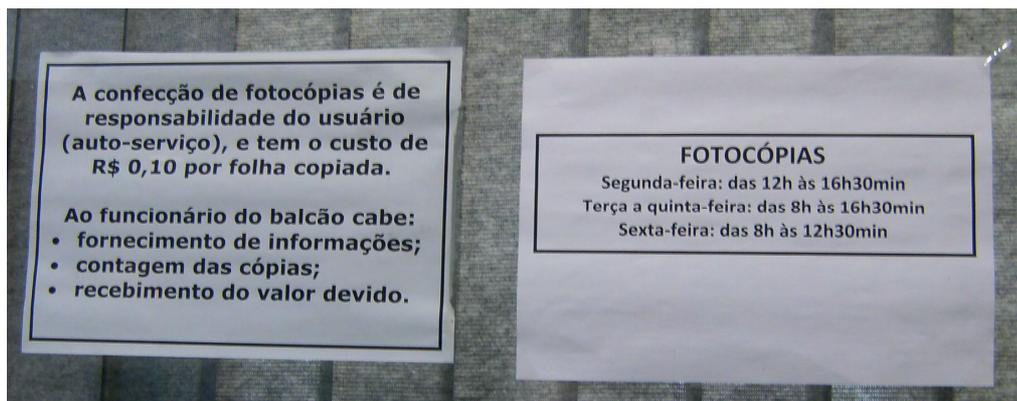


Figura 14 - Sinais de Instrução do Equipamento de Fotocópia.

Os sinais direcionais não foram encontrados em nenhuma das bibliotecas analisadas.

5.2.2 Pictogramas

Os pictogramas são a transmissão de ideias através do uso de desenhos parecidos com o objeto representado. Em verdade formam uma linguagem sintética, resumida conforme propõe o documento da Secretaria do Planejamento do governo brasileiro (1984), denominado “Onde Estou? Para Onde Vou?”.

Os pictogramas utilizados pelas bibliotecas eram conhecidos, ou seja, não havia nenhum de utilização específica voltada para cada unidade de informação. Em uma das bibliotecas há um pictograma, no mínimo, estranho para o local. Ele é mostrado a seguir (Figura 15).



Figura 15 - Sinal que Alerta que é “Proibido Entrada com Uso de Capacete”.

Em uma das unidades analisadas, constatou-se que os pictogramas encontrados facilmente nas outras bibliotecas (por exemplo, os de não fumar, de não comer/beber, etc.) não foram encontrados no ambiente.

5.2.3 Fonte

As fontes empregadas pelas bibliotecas, em sua maioria, eram claras e sem o uso de serifa, assim como as mensagens utilizadas eram de fácil compreensão. Uma grande parte dessas mensagens eram impressões do computador, o que

garantia as bibliotecas uma uniformidade na utilização da fonte e do espaçamento entre as palavras.

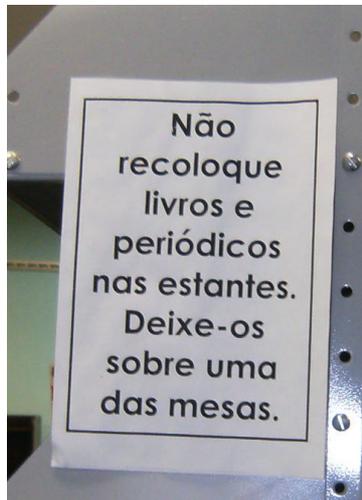


Figura 16 - Uso de Fonte Clara e Sem Serifa, Empregada na Maioria das Bibliotecas.

Em algumas unidades as mensagens (e até mesmo em sinais) foram escritas somente utilizando letras maiúsculas. O que evidencia nenhum cuidado no seu uso. Isso porque a legibilidade desses sinais fica prejudicada pela utilização de somente letras maiúsculas, uma vez que o seu uso deve ser restrito. (REYNOLDS; BARRET, 1987, tradução nossa).

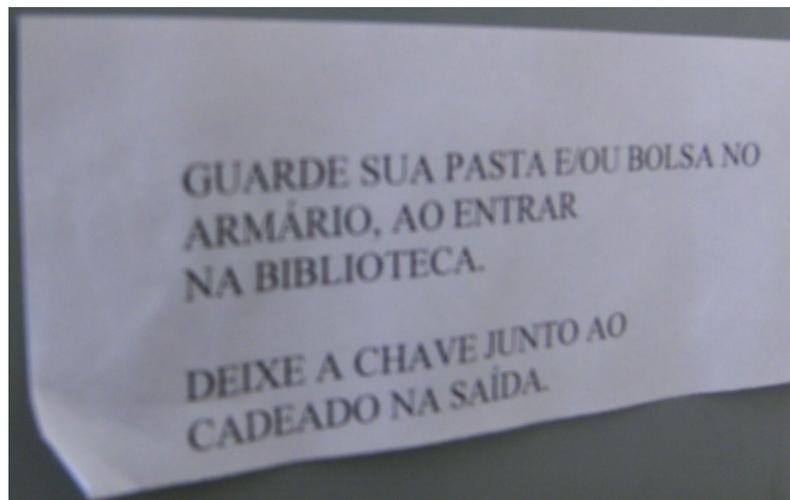


Figura 17 - Mensagem Localizada nos Guarda-volumes Utilizando Somente Letras Maiúsculas.



Figura 18 - Sinais de Instrução e Identificação, respectivamente, Utilizando Somente Letras Maiúsculas.

5.2.4 Painéis

Os painéis são importantes estruturas que fornecem a localização das áreas dentro do ambiente. Plantas e/ou diretórios são os exemplos mais comuns. Neste trabalho os tipos de painéis encontrados foram os diretórios. Segundo Reynolds e Barrett (1981, p.14, tradução nossa) os diretórios são geralmente listas de destinos primários, apresentados andar por andar ou alfabeticamente. Para facilitar a localização do destino, geralmente, empregam-se setas juntamente aos nomes dos destinos. (REYNOLDS; BARRET, p.44, 1987, tradução nossa).

Então, no uso dos painéis, constatou-se que a maioria das unidades não os possuía. Naquelas unidades que tinham painéis, identificados por diretórios, foram observadas duas situações. A primeira biblioteca possuía um padrão nos tamanhos, isto é, para grupos de sinais iguais, tamanhos semelhantes. O tamanho desses diretórios nessa mesma unidade era grande, ou seja, agrupavam mais de três destinos. Ainda no mesmo prédio foram encontrados dois diretórios: o primeiro localizado no térreo, no qual os destinos estavam agrupados de acordo com o andar e o mesmo (andar) não recebia nenhum destaque especial; e o segundo diretório

ficava no mesmo andar da biblioteca e não apresentava uma ordem clara de como foi feito o agrupamento dos destinos.

Já na segunda unidade, o diretório também estava localizado no mesmo andar da biblioteca, logo em frente ao elevador e as escadas. O seu tamanho era grande, sua listagem era de acordo com as salas situadas naquele andar e em ordem crescente da numeração das mesmas, sem o uso de setas.

Por fim, a terceira biblioteca apresentava um diretório dentro do seu espaço que indicava onde os serviços e/ou produtos oferecidos pela mesma poderiam ser encontrados. Exibia também um diretório em tamanho grande, sem uma ordem pré-definida na listagem dos destinos e com setas logo após os nomes dos mesmos.

5.2.5 Localização dos sinais

Sabendo-se que os sinais devem estar localizados em pontos onde sua visibilidade e leitura sejam facilitadas, instalados de quatro modos possíveis (fixa, projetada, móvel e suspensa) e numa altura adequada (ver 3.7.8 deste TCC), observou-se que a altura dos sinais, na maioria das bibliotecas, era similar. Na instalação dos sinais havia uma mescla na utilização de sinais fixos e móveis, com alturas diferentes de acordo com cada biblioteca. Para os tipos de sinais empregados constatou-se uma utilização maior dos de identificação e os informacionais.

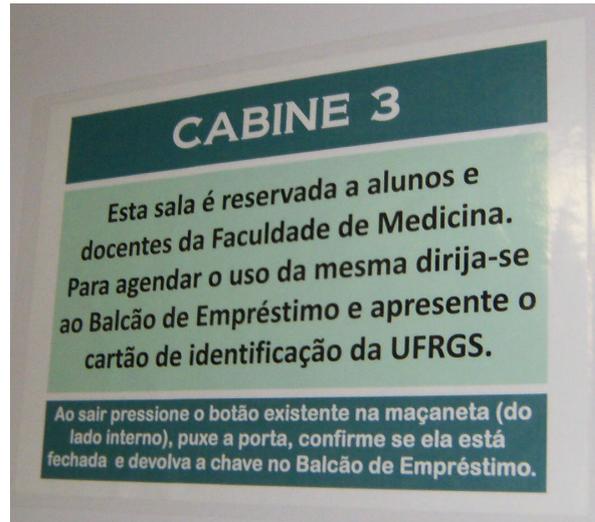


Figura 19 - Sinal de Localização Fixa.

5.2.6 Cores

As cores em mensagens e/ou sinais podem ser definidas pelo uso de letras escuras em um fundo claro (imagem positiva) ou letras claras em fundo escuro (imagem negativa). Segundo Reynolds e Barrett (1981, p.58, tradução nossa) a utilização da imagem positiva torna a mensagem mais legível, do que o uso da imagem negativa.

Então, em relação às cores nos sinais, a maioria das bibliotecas utilizava os textos das mensagens fonte escura em fundo claro. Apenas em uma delas foi encontrado o inverso: sinais em fundo escuro com fonte clara.

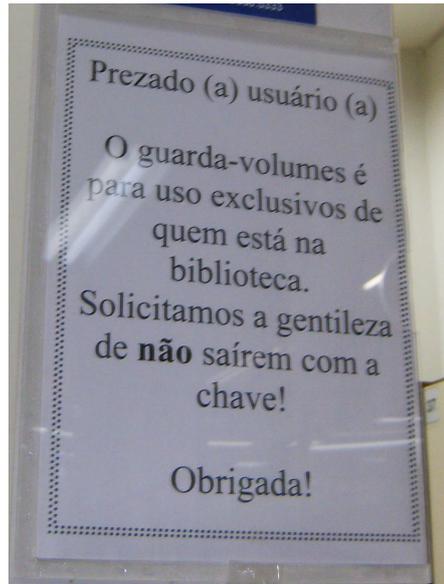


Figura 20 - Sinal em Imagem Positiva (Fonte Escura, Fundo Claro).



Figura 21 - Sinal em Imagem Negativa (Fonte Clara, Fundo Escuro).

5.2.7 Sinalização de Segurança

A sinalização de segurança é concebida para instruir de maneira adequada e segura os usuários em situações de risco à saúde, quanto à utilização e a identificação de equipamentos e materiais de segurança, delimitação de áreas, etc. (BRASIL, 2002).

A grande parte das bibliotecas apresentava sinais específicos para a sinalização de segurança, como os sinais de equipamentos de segurança. Ocorreu,

igualmente, a localização do equipamento de combate a incêndio (extintores e mangueiras), porém sem a sinalização adequada.



Figura 22 - Equipamento Sem Sinalização.

5.2.8 Materiais

Os sinais a serem usados em bibliotecas podem ser feitos de diversos tipos de materiais, levando-se em conta fatores como custo, durabilidade, manutenção, entre outros, assim como a localização do sinal (parte interna ou externa). Segundo recomendação da literatura revisada, alguns dos materiais que podem ser utilizados são madeira, plástico, fitas adesivas e metal (KOSTERMAN 1979).

A maioria das bibliotecas usa como material de sinalização o papel. Talvez como opção mais barata e facilmente encontrável, mas a longo prazo torna-se

dispendiosa e pouco durável, necessitando ser substituída regularmente. Outros tipos de materiais encontrados foram: madeira, acrílico ou PVC e adesivos.



Figura 23 - Principal Tipo de Material Encontrado na Fabricação dos Sinais: o Papel.

6 PROPOSTA PARA UM SISTEMA DE SINALIZAÇÃO

Segue-se uma proposta para um padrão de sinalização para as bibliotecas da área da saúde da UFRGS. Os sinais confeccionados a seguir foram feitos com base no **Projeto de Sinalização da UFRGS** (2004) e de acordo com as necessidades das bibliotecas estudadas. E lembrando que foram contemplados somente alguns sinais.

De acordo com o Projeto cada campus tem uma cor característica, ou seja, cor identidade. Estas cores podem ser utilizadas juntamente com o azul institucional ou sozinhas (UNIVERSIDADE..., 2004, p.6):

O vermelho institucional representa o Centro, que reúne os prédios históricos e o corpo administrativo. O turquesa representa o Campus Saúde, traduzido numa cor suave, muito utilizada em sinalização hospitalar. O azul ciano traduz a água, o movimento, os esportes, identificando o Campus Olímpico. E o Campus Vale tem no verde a cor que o identifica, por ser localizado em meio a natureza. (UNIVERSIDADE..., 2004, p.6).



Figura 24 - Cores Identidades e a Cor Institucional.

Fonte: Universidade... (2004, p.6) (adaptado pela autora).

Inicia-se a apresentação dos sinais, primeiro pela sinalização externa e, logo após, a interna. Nos exemplos, a ordem das placas está de acordo com a localização de cada campus: primeiro Campus Centro, logo após Campus Saúde e, por último, Campus Olímpico.

6.1 Sinalização Externa

Para a sinalização externa, apresentam-se os seguintes sinais:

- a) *sinas direcionais*: diretório, com três destinos, que podem estar localizados em frente ao prédio na qual a biblioteca se localiza. Neste caso, apresenta-se o nome das faculdades, ou como no caso da biblioteca Edgar Sperb, que se encontra em terreno plano, os destinos próximos (Figura 25).

DECORDI	↑	HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE (HCPA)	↑
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE (ICBS)	→	ESTACIONAMENTO (HCPA)	↗
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)	←	FACULDADE DE MEDICINA (FAMED)	→
CENTRO NATATÓRIO		↑	
RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO (RU)		↗	
BIBLIOTECA EDGAR SPERB		←	

Figura 25 - Exemplos de Diretórios Externos.

Fonte: Elaborado pela autora.

- b) *sinas de identificação*: sinais com o nome das bibliotecas podendo estar fixados acima da entrada principal da unidades (Figura 26).



Figura 26 - Exemplos de Sinais de Identificação das Bibliotecas.

Fonte: Elaborado pela autora.

- c) *sinais informacionais*: contém o horário de funcionamento das bibliotecas ou das faculdades onde estão inseridas, podendo ser fixados na entrada principal das unidades (Figura 27).



Figura 27 - Exemplos de Sinais de Horário de Funcionamento.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como cada biblioteca tem um horário diferenciado, optou-se por apresentar somente a placa padrão, com a cor de acordo com o campus em que a unidade situa-se. Para melhor utilização do sinal, quando de uso interno, sugere-se que o espaço contendo a cor azul institucional seja ocupado com uma folha impressa com os horários da biblioteca, protegido por algum material, evitando gastos de recursos com as possíveis trocas de horários de funcionamento da unidade. Lembra-se, ainda, que esse tipo de sinal pode ser tanto interno quanto externo.

6.2 Sinalização Interna

Para a sinalização interna, apresentam-se os seguintes sinais:

- a) *sinais direcionais*: sinal suspenso de identificação e direcional, localizado próximo a um acesso à biblioteca (Figura 28).

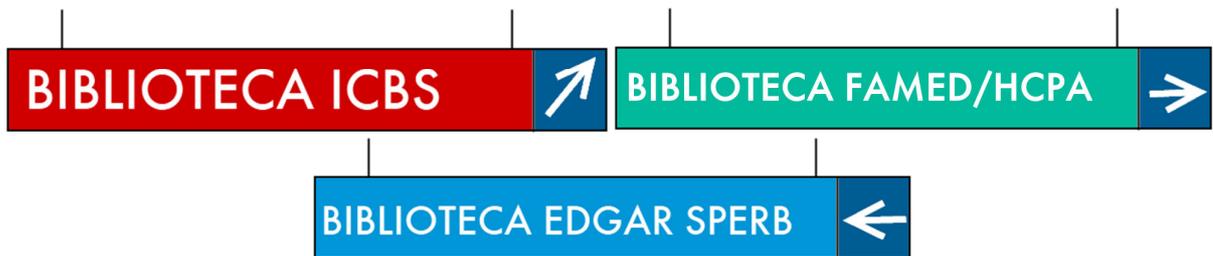


Figura 28 - Exemplos de Sinais Suspensos.

Fonte: Elaborado pela autora.

E também existem os diretórios que indicam ao usuário o caminho aos principais espaços da unidade (Figura 29).

Acervo	↑	Guarda-volumes	→
Mesas para estudos	↗	Acervo	←
Computadores para pesquisa	→	Salas e mesas para estudos	←
Atendimento	↓	Fotocopiadora	↘

Livros	↑
Periódicos	↗
Guarda-volumes	←
Terminal consulta SABI	↙

Figura 29 - Exemplos de Diretórios com Alguns Destinos Dentro da Biblioteca.

Fonte: Elaborado pela autora.

b) *sinais de identificação*: sinais que identificam o espaço da biblioteca podendo ser fixados na parede, ao lado da entrada principal (Figura 30).

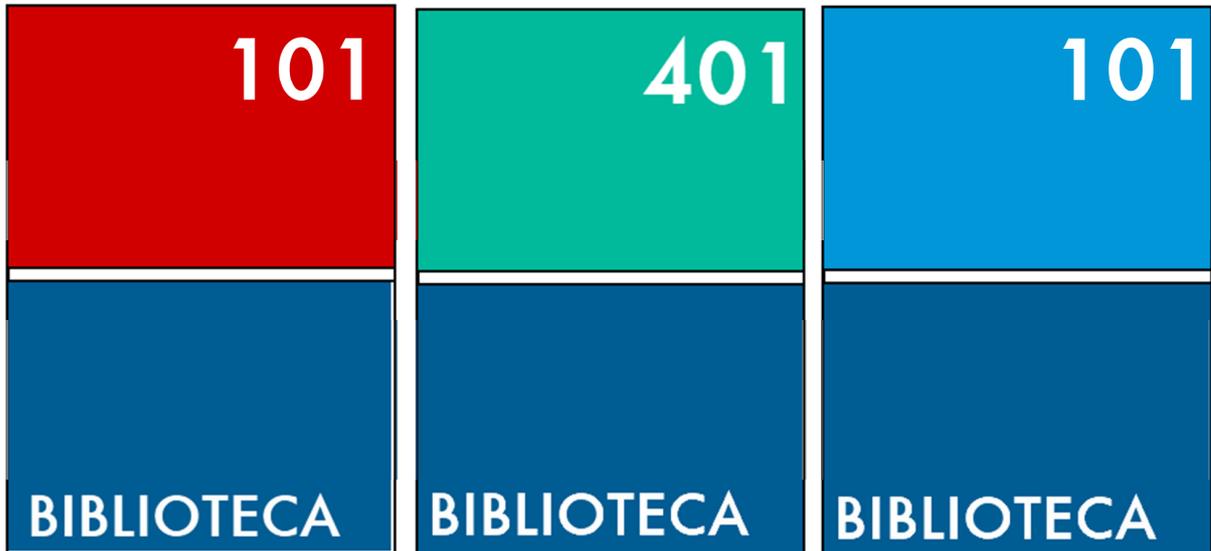


Figura 30 - Exemplos de Sinais de Identificação do Espaço que a Biblioteca Ocupa.

Fonte: Elaborado pela autora.

Há também os sinais que identificam as áreas e salas dentro da biblioteca (Figura 31).



Figura 31 - Exemplos de Sinais de Identificação das Áreas da Unidade.

Fonte: Elaborado pela autora.

c) *sinais informacionais*: sinais que instruem o usuário a como agir dentro do ambiente. Os sinais apresentados são todos padrões, podem ser usado em

qualquer unidade, independente do campus onde a mesma se localiza (Figura 32 e 33).



Figura 32 - Exemplos de Sinais Informativos de Proibição.

Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 33 - Exemplos de Sinais Informativos de Recomendação de Silêncio.

Fonte: Pictogramas de autoria de ©CatarinaCarvalhoDesigner. (adaptado pela autora).

- d) *sinalização de instrução*: fornecem instruções ao usuário de como utilizar espaços, equipamentos e/ou materiais da biblioteca. Devem estar localizados próximos as áreas ou aparelhos que serão usados (Figura 34).

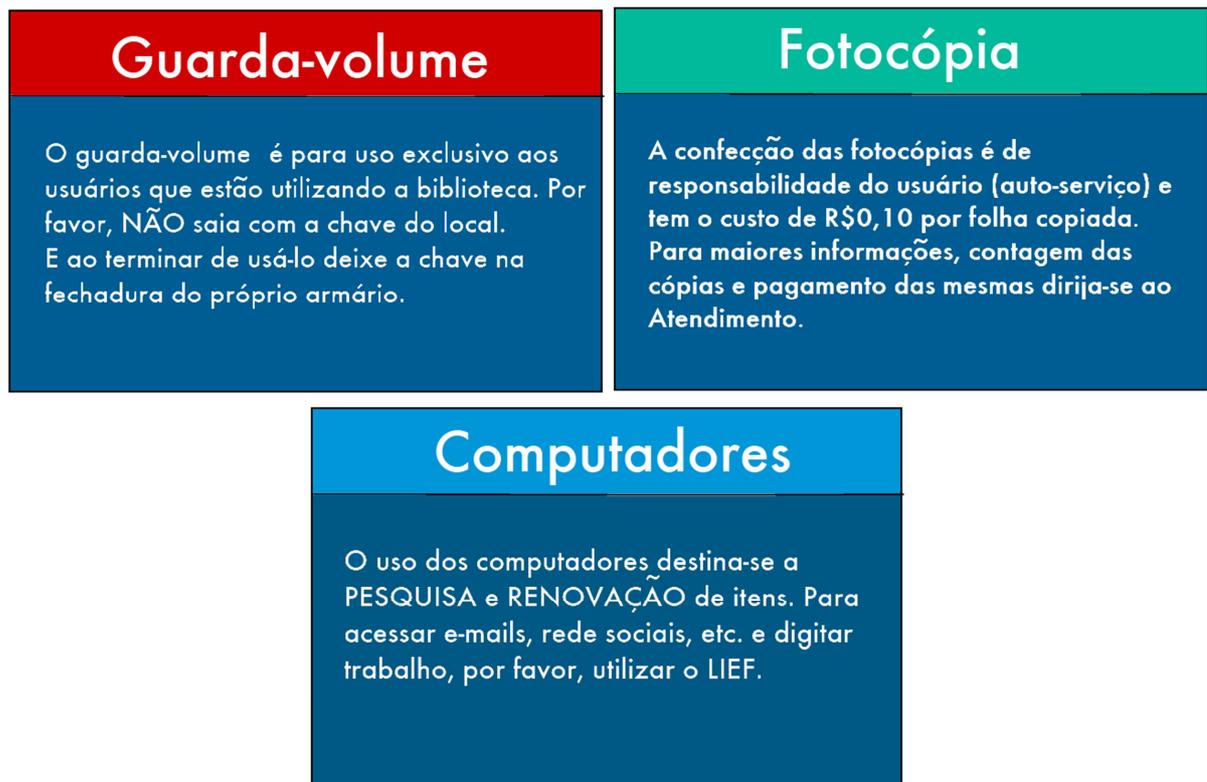


Figura 34 - Exemplos de Sinais de Instrução.

Fonte: Elaborado pela autora.

- e) *sinalização de segurança*: esses tipos de sinais são considerados exemplos de sinais de instrução, pois indicam como proceder e utilizar materiais e equipamentos de segurança, em situações de perigo. No Projeto de Sinalização da UFRGS recomenda-se a utilização das cores de cada campus neste tipo de sinal, porém, decidiu-se seguir a sinalização de segurança já existente, uma vez que esse tipo de sinalização está regulamentada pela International Organization for Standardization (ISO) através das normas *ISO 3864: Símbolos Gráficos- Cores e Sinais de Segurança* e *ISO 7010: Símbolos Gráficos – Sinalização de Segurança em Locais de Trabalho e Área Pública*. E, no Brasil, existe a Norma Regulamentadora *NR 26 - Sinalização de Segurança*, editada pelo Ministério do Trabalho e Emprego. Então, estes sinais (Figura 35) estão de acordo com as normas internacionais e brasileiras.



Figura 35 - Exemplo de Sinalização de Segurança, Identificando os Equipamentos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os exemplos de sinais até aqui apresentados foram apenas uma pequena amostra da sinalização que pode ser direcionada para as necessidades das bibliotecas da UFRGS. Deixa-se claro que as medidas das placas não são especificadas porque essa informação está no próprio Projeto. A fonte, as cores e os pictogramas empregados têm a intenção de se aproximar, ao máximo, das recomendações feitas no mesmo Projeto. Em relação ao material utilizado, para a maioria dos sinais é recomendado o uso do alumínio, algumas vezes combinados com outros materiais, como o metal. Indica-se ainda o uso do PVC, pois é um material durável, relativamente barato e que pode ser empregado tanto na sinalização interna quanto externa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sinalização é um importante elemento orientador. Em todos os ambientes oferece a segurança suficiente para que o usuário, sendo ele um frequentador assíduo do local ou de “primeira viagem”, possa deslocar-se e encontrar o que procura de maneira fácil e tranquila. Em bibliotecas, assim como em qualquer outro local, espera-se a mesma possibilidade.

Os resultados da análise das condições de sinalização das bibliotecas da área da saúde da UFRGS confirmaram uma suspeita: não há um padrão de sinalização, muitas vezes, sequer existe sinalização. Para a sinalização externa não foram encontrados, em nenhuma das bibliotecas estudadas, os sinais de direção, de orientação e de identificação. Já para a sinalização de uso interno (acrescenta-se, além dos sinais já citados acima, o sinal de instrução) a grande maioria das bibliotecas possuía estes sinais, porém, também, sem nenhum padrão. Além disso, se constatou que na sinalização interna existia uma variedade de materiais, de tamanhos, de cores, de estilos tipográficos (fonte e tamanho da letra, uso de letras maiúsculas e minúsculas, etc.) utilizados.

Foi destacado que a UFRGS possui um projeto de sinalização com recomendações para uma sinalização padrão. Nele, cada campus é identificado através de uma cor, o que garante uma identidade visual. No projeto não há indicações específicas para as bibliotecas, mas pôde ser feito, tranquilamente, uma adaptação à realidade das unidades.

O objetivo da proposta de um sistema de sinalização (tanto interno, quanto externo) é que servisse de motivação e auxílio aos responsáveis pelas bibliotecas, facilitando, assim, a utilização do ambiente, de materiais e de equipamentos da unidade, tanto à equipe quanto ao usuário. Nesta empreitada, o bibliotecário precisa da ajuda de profissionais da área da Arquitetura e/ou do Design. Trata-se de um trabalho interdisciplinar, no qual o bibliotecário detalha o que precisa ser sinalizado e o arquiteto e/ou designer apresenta as possíveis soluções, resultando em um conjunto de propostas, visando resolver os problemas de sinalização existentes na biblioteca. Reconhece-se o esforço que alguns bibliotecários das unidades analisadas fazem para sinalizar, da melhor maneira possível, o local, os materiais e os equipamentos, a fim de auxiliar tanto a equipe quanto aos usuários. Porém, este

empenho, muitas vezes, causa uma miscelânea no uso dos sinais, com uma imensa variedade de cores, tamanhos, formas, letras, materiais, etc.

Sabe-se que o bibliotecário precisa preocupar-se com outras atividades consideradas importantes dentro da unidade de informação, mas a sinalização não pode ser colocada em segundo plano. É ela que propicia o acesso seguro aos usuários, tanto ao local da biblioteca quanto às informações que ela armazena. E aqui se faz um questionamento: se a maioria dos bibliotecários não der importância em tornar acessível a ida do usuário na busca do conhecimento de maneira tranquila às bibliotecas que chefiam e à informação que as mesmas armazenam, não estariam eles fugindo do seu dever de facilitar e promover o acesso à informação? Uma vez que, neste caso, existe um projeto de sinalização da universidade em que trabalham ao seu dispor?

Recomenda-se, ainda, um estudo mais elaborado da pesquisa em relação à sinalização interna voltada para as estantes das bibliotecas.

Espera-se que os resultados apresentados neste trabalho possam servir, inicialmente, para avaliações mais aprofundadas sobre o estado da sinalização em todas as bibliotecas da UFRGS. A sinalização, além de orientar, promove a biblioteca perante a instituição, uma vez que reforça a identidade visual do local com o uso correto dos sinais. Deixa-se claro que, em momento algum, os resultados expostos são uma maneira de depreciar qualquer uma das bibliotecas analisadas. Pelo contrário, pretende-se conscientizar os bibliotecários (não somente os das unidades estudadas) que a sinalização é, também, uma atividade importante e que necessita de atenção e manutenção para cumprir o seu objetivo. Além dessa função, a sinalização serve para “fidelizar” o usuário. Isto porque um usuário que sabe que, ao se dirigir a uma biblioteca, encontrará o que busca por si só, com o mínimo de auxílio possível, sente-se mais seguro e tranquilo em voltar à unidade e realizar suas pesquisas.

REFERÊNCIAS

AICHER, Otl. Sobre a Concepção de Pictogramas. In: PICTOGRAMAS Sinais de Comunicação: sobre a significação, a concepção e a aplicação de signos gráficos em qualidade de sistemas de pictogramas da comunicação visual. [Brasília, DF]: Instituto Cultural de Relações Exteriores: ERCO, [198-?]. P. 8-12.

BALDWIN, Jonathan; ROBERTS, Lucienne. **Comunicación visual: de la teoría a la práctica**. Barcelona: Parramón, 2007.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de Barros; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BECKER, Lia; FORTES, Yvone. **O Serviço Central de Informações Bibliográficas da Universidade do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul, 1961.

BERLO, David Kenneth. **O Processo da Comunicação: introdução à teoria e à prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **NR 26- Sinalização de Segurança**. 2002. Disponível em:
<http://www.mte.gov.br/legislacao/normas_regulamentadoras/nr_26.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2010.

BRASIL. **Onde Estou? Para Onde Vou?** Brasília, DF, Secretaria de Planejamento 1984.

CARVALHO, Catarina. **Catarina Carvalho: designer portfólio**. Disponível em:
<<http://catarinacarvalhodesigner.blogspot.com/2010/01/sinaletica-de-silencio.html>>. Acesso em: 23 abr. 2011.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; Silva, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson, 2010.

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral: volume único**. São Paulo: Saraiva, 2005.

DESIGN for Web. **Partes do Tipo**. Disponível em: <<http://dgsjunior.com/blog/partes-do-tipo/>>. Acesso em: 02 nov. 2010.

ECO, Umberto. **O Signo**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

EMERSON, John. **Backspace**: social desing notes: ISO. [200-?]. Disponível em: <<http://backspace.com/notes/2003/06/iso.php>>. Acesso em: 25 set. 2010.

FONSECA, Joaquim da. **Tipografia e Design Gráfico**: design e produção gráfica de impressos e livros. Porto Alegre: Bookman, 2008.

FRUTIGER, Adrian. **Sinais e Símbolos**: desenho, projeto e significado. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HERRMANN, Cristian. **Proposta de Criação de um Sistema de Sinalização para o Centro de Estudos Junto à Faculdade de Medicina da PUCRS**. 2004. 104 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Curso de Biblioteconomia, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

HOHLFELDT, Antonio. As Origens Antigas: a comunicação e as civilizações. In: _____; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001. P.61-98.

INSTITUTE of Signage Research. Appendix: technical and psychological considerations for sign systems in libraries. In: POLLET, Dorothy; HASKELL, Peter C. (Comp.). **Sign Systems for Libraries**: solving the wayfinding problem. New York: London: R.R. Bowker, 1979. P.229-241.

INSTITUTE of Signage Research. Effective Library Signage: a pictorial study. In: POLLET, Dorothy; HASKELL, Peter C. (Comp.). **Sign Systems for Libraries**: solving the wayfinding problem. New York: London: R.R. Bowker, 1979. P. 203-228.

INSTITUTO do PVC. **O PVC**: sua importância. [200-?]. Disponível em: <http://www.institutodopvc.org/publico/?a=conteudo&canal_id=39&subcanal_id=42>. Acesso em: 31 out. 2010.

INTERNATIONAL Organization For Standardization. **ISO 3564-1: 2002**. Disponível: <<http://bzwxxw.com/soft/UploadSoft/new4/ISO--3864-1-2002.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2010.

KOSTERMAN, Wayne. Sign materials and methods. In: POLLET, Dorothy; HASKELL, Peter C. (Comp.). **Sign Systems for Libraries**: solving the wayfinding problem. New York: London: R.R. Bowker, 1979.. P. 79-87.

KRUG, Karl-Heinz. Pictogramas: sinais de comunicação. In: PICTOGRAMAS: sinais de comunicação: sobre a significação, a concepção e a aplicação de signos gráficos em qualidade de sistemas de pictogramas da comunicação visual. [Brasília, DF]: Instituto Cultural de Relações Exteriores: ERCO, [198-?]. P. 1-4.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis, metodologia jurídica. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de Caso**: uma estratégia de pesquisa. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MEIRELES, Mara Lucia Araujo. **As Novas Tecnologias e a Saúde dos Funcionários das Bibliotecas do Campus da Saúde da UFRGS**: avaliação da necessidade de implementação de um programa de ginástica laboral. 2009. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)- Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18486/000730110.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 18 maio 2011.

MEIRELES, Mara Lucia Araujo. **Informações sobre a Biblioteca CEDOP** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por realmeida1985@yahoo.com.br em 27 out. 2010.

MÜLLER-BROCKMANN, Josef. **Historia de la comunicación visual**. Barcelona: GG Diseño, 2005.

MUNARI, Bruno. **Diseño y comunicación visual**: contribución a uma metodologia didáctica. Barcelona: GG Diseño, 1985.

MUNARI, Bruno. **Diseño y comunicación visual**: contribución a uma metodologia didáctica. 10. ed. Barcelona: GG Diseño, [1990?].

NEVES, Clarissa Eckert Baeta. A Estrutura e o Funcionamento do Ensino Superior no Brasil. In: SOARES, Maria Suzana Arrosa (Coord.). **A Educação Superior no Brasil**. Brasília, DF: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2002. P.43-106.

NIEMEYER, Lucy. **Tipografia**: uma apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2001.

OLIVE, Arabela Campos. Histórico da Educação Superior no Brasil. In: SOARES, Maria Suzana Arrosa (Coord.). **A Educação Superior no Brasil**. Brasília, DF: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2002. P. 31-42.

PENA, Felipe. O Modelo das Origens: os estudos de José Marques de Melo. In: _____ (Org.). **Teoria da Comunicação**: conceitos, mídias e profissões. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2005. P. 15-18.

PEREIRA, Aldemar A. **Tipos**: desenho e utilização de letras no projeto gráfico. Rio de Janeiro: Quartet, 2004.

PEREIRA, José Haroldo. **Curso Básico de Teoria da Comunicação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.

PIGNATARI, Décio. **Informação, Linguagem, Comunicação**. 25. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliana; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca Escolar**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2007.

POLLET, Dorothy; HASKELL, Peter C. (Comp.). **Sign Systems for Libraries**: solving the wayfinding problem. New York: London: R.R. Bowker, 1979.

REYNOLDS, Linda; BARRET, Stephen. **Signs and Guiding for Libraries**. London: Clive Bingley, 1987.

SÁNCHEZ AVILLANEDA, María del Rocío. **Señalética**: conceptos y fundamentos: una aplicación em bibliotecas. Buenos Aires: Alfagrama, 2005.

SELFREDGE, Katherine M. Planning library signage systems In: POLLET, Dorothy; HASKELL, Peter C. (Comp.). **Sign Systems for Libraries**: solving the wayfinding problem. New York: London: R.R. Bowker, 1979. P. 49-67.

SERIFA. In: WIKIPÉDIA. London: The Wikipédia Foundation [2000?]. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Serifa>>. Acesso em: 31 out. 2010.

SOARES, João Godinho. Basta Um Sinal!: sinalização gráfica em locais de atendimento ou acesso ao público. Separata de: **Revista Dirigir**, Lisboa, n.90, p. 1-16, 2005. Disponível em: <http://www.iefp.pt/iefp/publicacoes/Dirigir/Documents/2005/DIRIGIR_90_SEPARAT_A.pdf>. Acesso em: 30 out. 2010.

SOUZA, Antonieta Romano de. **Informações sobre a Biblioteca do ICBS** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por realmeida1985@yahoo.com.br em 19 out. 2010.

SOUZA, Paulo Nathanael P. **Estrutura e Funcionamento do Ensino Superior Brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1991.

TERRA, Ernani. **Linguagem, Língua e Fala**. São Paulo: Scipione, 2008.

UFRGS. In: WIKIPÉDIA. London: The Wikipédia Foundation [2000?]. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Federal_do_Rio_Grande_do_Sul>. Acesso em: 11 out. 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Biblioteca CEDOP/UFRGS**. [200-?a]. Disponível em: <<http://bibcedop.blogspot.com/p/cedop.htm>>. Acesso em: 12 out. 2010.

_____. Biblioteca Central. **Histórico**. [200-?b]. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ufrgs.br/historico.htm>>. Acesso em: 11 out. 2010.

_____. Escola de Educação Física. **Apresentação**. [200-?]. Disponível em: <<http://www.esef.ufrgs.br/apresentacao.htm>>. Acesso em: 11 out. 2010.

_____. Escola de Educação Física. **Biblioteca Edgar Sperb**. [200-?c]. Disponível em: <<http://www.esef.ufrgs.br/biblioteca.htm>>. Acesso em: 11 out. 2010.

_____. Escola de Enfermagem. **Biblioteca Dirce Pessoa de Brum Aragón.** [200-?d]. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/eenf/biblioteca/index.htm>>. Acesso em: 12 out. 2010.

_____. **Escola de Enfermagem.** [200-?]. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/eenf/escola/index.htm>>. Acesso em: 12 out. 2010.

_____. Faculdade de Farmácia. **A Biblioteca.** [200-?]. Disponível em: < <http://paginas.ufrgs.br/farmacia/infraestrutura/biblioteca-1/a-biblioteca>> Acesso em: 12 out. 2010.

_____. Faculdade de Farmácia. **Histórico.** [200-?]. Disponível em: < <http://paginas.ufrgs.br/farmacia/sobre/historico>>. Acesso em: 12 out. 2010.

_____. Faculdade de Medicina. **Biblioteca FAMED/HCPA.** [200-?]. Disponível em: <<http://www.famed.ufrgs.br/>>. Acesso em: 11 out. 2010.

_____. Faculdade de Medicina. [200-?]. **Histórico da Faculdade de Medicina da UFRGS.** Disponível em: < <http://www.famed.ufrgs.br/>>. Acesso em: 11 out. 2010.

_____. Faculdade de Odontologia. **Biblioteca Malvina Vianna Rosa.** [200-?]. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/odonto/biblioteca/>>. Acesso em: 11 out. 2010.

_____. Faculdade de Odontologia. **Histórico.** [200-?]. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/odonto/historico.htm>>. Acesso em: 11 out. 2010.

_____. **Histórico da UFRGS.** [200-?e]. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ufrgs.br/historico.htm>>. Acesso em: 11 out. 2010.

_____. Instituto de Ciências Básicas da Saúde. **Histórico da Biblioteca do Instituto de Ciências Básicas da Saúde.** [2011?]. Disponível em: < <http://paginas.ufrgs.br/bibicbs/sobre/historico>>. Acesso em: 17 maio 2011.

_____. Instituto de Ciências Básicas da Saúde. **Histórico.** [200-?]. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/icbs/>>. Acesso em: 12 out. 2010.

_____. Instituto de Psicologia. **Biblioteca Psicologia.** [200-?]. Disponível em: <<http://www.psicologia.ufrgs.br/biblioteca/>>. Acesso em: 11 out. 2010.

_____. Instituto de Psicologia. **Institucional**. [200-?]. Disponível em: <<http://www.psicologia.ufrgs.br/institucional/institucional.html>>. Acesso em: 12 out. 2010.

_____. **Projeto de Sinalização**: manual de uso. 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/suinfra/MANUAL_SINALIZACAO_UFRGS.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2011.

VILALBA, Rodrigo. **Teoria da Comunicação**: conceitos básicos. São Paulo: Ática, 2006.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE A - Instrumento de Coleta de Dados (Sinalização Externa)

Nome da Biblioteca: _____ Data: _____

1) Existem sinais

- Direcionais (guiam o usuário até o destino, através de setas)
- Informativos (informam sobre a disponibilidade dos serviços, recursos, restrições ou condições especiais de uso da biblioteca. Ex. horário de funcionamento, comer/beber, fumar)
- De identificação (nome dos espaços (andares, áreas), dos equipamentos)
- De instrução (através de procedimentos como melhor utilizar o local, equipamentos, serviços e materiais da biblioteca)

2) Pictogramas

- São criados e de uso específico para a biblioteca São conhecidos

3) A fonte utilizada

- É legível (fonte reconhecida e clara)
- Leiturabilidade (as mensagens são compreendidas facilmente)
- Contém Serifas Não contém serifas

4) O espaçamento entre as palavras

a) permite que quando vistas de certa distância possam ser lidas e compreendidas corretamente

- Sim Não

b) muito pequeno muito grande

ideal (visualmente, o tamanho do espaçamento entre as palavras, pela fonte utilizada, é igual a um "n")

5) Nas mensagens, as letras são

- Minúsculas
- Maiúsculas
- Maiúsculas (condicionadas a mensagens específicas)
- A primeira letra da frase/oração é em maiúscula e as demais letras são em letras minúsculas

6) Tamanho dos painéis

- Há um padrão (grupos de sinais iguais, tamanhos semelhantes)
- Vários tamanhos (independente do grupo de sinais)

7) Layout dos painéis

- Plantas
- Diretórios

a) Possuem setas juntamente aos destinos Sim Não

b) Quanto ao número de destinos apresentados no mesmo painel

Grandes (agrupam vários destinos)

Pequenos (mostram até 3 destinos)

c) Quanto a listagem

Alfabética

Por andar

Não há uma ordem pré-definida

d) quanto a numeração

• está associada ao destino Sim Não

• recebe algum destaque especial Sim Não

e) Como as setas estão agrupadas no diretório? (↑, ↖, →, ↘)

f) Os textos estão alinhados

- À direita
- Centralizado
- À esquerda
- Justificado

g) nos sinais informacionais a informação se apresenta:

- Frases/orações curtas
- Textos longos, com divisão do texto em títulos e subtítulos quando necessário com diferenciação dos títulos e corpo do texto

h) Nos sinais instrucionais a informação se apresenta:

- Texto contínuo
- Utilização de texto e ilustrações/desenhos
- Somente ilustrações ou desenhos

8) Colocação dos sinais

- Altura similar
- Variação na altura

a) Localização dos sinais utilizados

		Localização dos Sinais			
		Fixos	Projetados	Móveis	Suspensos
Tipos de Suporte e Sinais	Plantas				
	Diretórios				
	Direcionais				
	Identificação				
	Informacionais				
	Instrução				

9) Cores

a) Textos Positivo Negativo

b) Combinação de cores

Padrão cromático no ambiente, nas placas

As cores do ambiente são as mesmas utilizadas pela instituição

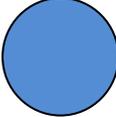
As cores do ambiente são diferentes das utilizadas pela instituição

10) Materiais

Vidro Madeira PVC Papel Pedra

Concreto Metal Outros _____

11) Sinalização de Segurança

Forma Geométrica	Significado	Exemplo de Aplicação	Sim	Não	Material	Quais sinais foram encontrados?
	Proibição	 Não fume				
	Obrigatório	 Proteção obrigatória da cabeça				
	Aviso	 Cuidado, risco de choque elétrico				
 	Condição segura Meios de fuga Equipamento de segurança	 Posto de primeiros socorros				
 	Sinais para equipamento de combate a incêndios	 Extintor				
 	Sinais adicionais					

APÊNDICE B - Instrumento de Coleta de Dados (Sinalização Interna)

Nome da Biblioteca: _____ Data: _____

1) Existem sinais

- Direcionais (guiam o usuário até o destino, através de setas)
- Informativos (informam sobre a disponibilidade dos serviços, recursos, restrições ou condições especiais de uso da biblioteca. Ex. horário de funcionamento, comer/beber, fumar)
- De identificação (nome dos espaços (andares, áreas), dos equipamentos)
- De instrução (através de procedimentos como melhor utilizar o local, equipamentos, serviços e materiais da biblioteca)

2) Pictogramas

- São criados e de uso específico para a biblioteca São conhecidos

3) A fonte utilizada

- É legível (fonte reconhecida e clara)
- Leiturabilidade (as mensagens são compreendidas facilmente)
- Contém Serifas Não contém serifas

4) O espaçamento entre as palavras

a) permite que quando vistas de certa distância possam ser lidas e compreendidas corretamente

- Sim Não

b) muito pequeno muito grande

ideal (visualmente, o tamanho do espaçamento entre as palavras, pela fonte utilizada, é igual a um "n")

5) Nas mensagens, as letras são

- Minúsculas
- Maiúsculas
- Maiúsculas (condicionadas a mensagens específicas)
- A primeira letra da frase/oração é em maiúscula e as demais letras são em letras minúsculas

6) Tamanho dos painéis

- Há um padrão (grupos de sinais iguais, tamanhos semelhantes)
- Vários tamanhos (independente do grupo de sinais)
- Não há painéis

7) Layout dos painéis

- Plantas Não há plantas ou diretórios localizados na parte interna do prédio
- Diretórios
- a) Possuem setas juntamente aos destinos Sim Não
- b) Quanto ao número de destinos apresentados no mesmo painel
- Grandes (agrupam vários destinos)
- Pequenos (mostram até 3 destinos)
- c) Quanto a listagem
- Alfabética
- Por andar
- Não há uma ordem pré-definida
- d) quanto a numeração
- está associada ao destino Sim Não
 - recebe algum destaque especial Sim Não
- e) Como as setas estão agrupadas no diretório? (↑, ↖, →, ↘)

f) Os textos estão alinhados

- À direita
- Centralizado
- À esquerda
- Justificado

g) nos sinais informacionais a informação se apresenta:

- Frases/orações curtas
- Textos longos, com divisão do texto em títulos e subtítulos quando necessário com diferenciação dos títulos e corpo do texto

h) Nos sinais instrucionais a informação se apresenta:

- Texto contínuo
- Utilização de texto e ilustrações/desenhos
- Somente ilustrações ou desenhos

8) Colocação dos sinais

- Altura similar Variação na altura

b) Localização dos sinais utilizados

		Localização dos Sinais			
		Fixos	Projetados	Móveis	Suspensos
Tipos de Suporte e Sinais	Plantas				
	Diretórios				
	Direcionais				
	Identificação				
	Informacionais				
	Instrução				

9) Cores

c) Textos Positivo Negativo

d) Combinação de cores

Padrão cromático no ambiente, nas placas

As cores do ambiente são as mesmas utilizadas pela instituição

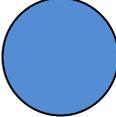
As cores do ambiente são diferentes das utilizadas pela instituição

10) Materiais

Vidro Madeira PVC Papel Pedra

Concreto Metal Outros _____

11) Sinalização de Segurança

Forma Geométrica	Significado	Exemplo de Aplicação	Sim	Não	Material	Quais sinais foram encontrados?
	Proibição	 Não fume				
	Obrigatório	 Proteção obrigatória da cabeça				
	Aviso	 Cuidado, risco de choque elétrico				
 	Condição segura Meios de fuga Equipamento de segurança	 Posto de primeiros socorros				
 	Sinais para equipamento de combate a incêndios	 Extintor				
 	Sinais adicionais					

APÊNDICE C - Carta de Apresentação

Sr.(a) Bibliotecário(a):

Meu nome é Renata, sou aluna de Biblioteconomia do 8º semestre e estou realizando uma pesquisa para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cujo tema é a sinalização das bibliotecas da área da saúde da UFRGS. Gostaria de ter a permissão para verificar a existência de sinalização no local da biblioteca. Quando necessário, farei uso de uma máquina fotográfica para fazer o registro dessa sinalização, quando existente. Deixo bem claro, que esse material servirá, apenas para análise dos dados para a pesquisa e, em nenhum momento, a biblioteca será prejudicada, visto que os resultados desse trabalho poderão servir para colaborar com a melhoria da sinalização local.

Desde já agradeço a atenção recebida.

Renata